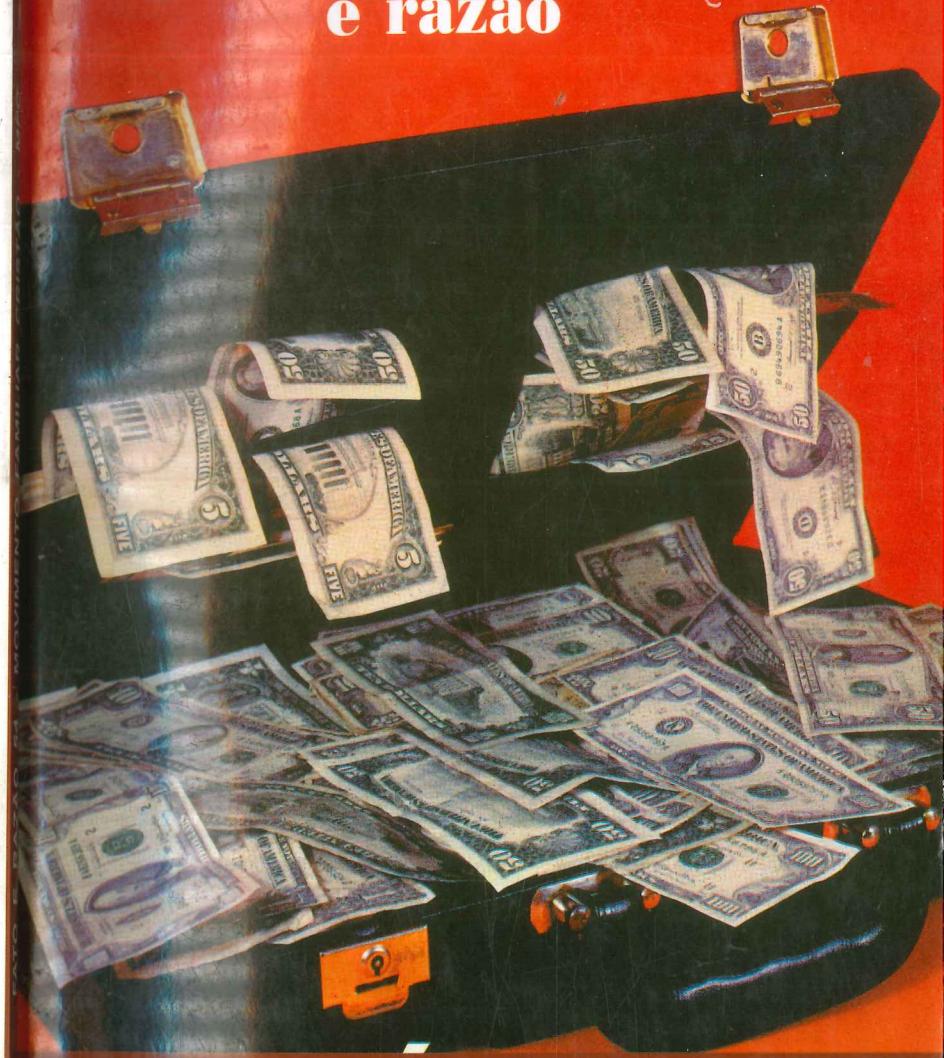


Religião motivo de briga ?
É lícito buscar o prazer ?
Desarmar-se
Doenças e remédios
A fé dos cristãos
Ritos de passagem
Libertação
A justa medida que nos falta
Fariseus, saduceus, zelotes, escribas
O fator tempo
Guardar silêncio
Ordenação de mulheres
Amor, essa invenção
Tudo começou nas classes médias
Perfil de um homem novo
Ética e formação de valores
Resposta de Deus ao Pai nosso
A Teologia da Libertação
Espiritualidade e Liberdade
Roubaram duas letras
Mais castigos, mais crimes
Mãe
A Mesa da Partilha
Mar da Galiléa, Mar Morto
Política combina com ética ?
A dinâmica dos Grupos
MFC: Família e Mundo

**fato
e razão**

54



**ECHAR OS PROPINODUTOS ESCANCARADOS
BRIR OS DUTOS DA DISTRIBUIÇÃO DE RENDA**

Conversando com o leitor

Neste número, caro leitor, voltamos a oferecer-lhe uma seleção cuidadosa de matérias para leitura inteligente, informação que a grande imprensa despreza, interpretação de acontecimentos marcantes, textos para reflexão individual e grupal.

Sempre trazemos curiosidades, frases interessantes que divertem ou fazem pensar, historinhas divertidas para relaxar...

Desta vez, incluímos uma sugestão especial para celebrações domésticas, durante uma refeição familiar ou na ceia com amigos. É a Mesa da Partilha, ao mesmo tempo simples e fortemente simbólica, em memória do Mestre. Leia também o excelente ensaio sobre dinâmicas de grupo, leitura obrigatória para todos os que trabalham com movimentos populares ou de Igreja, comunidades ou equipes familiares e de casais.

Leitura variada, portanto, para todos os gostos e interesses.

A equipe de redação fica gratificada cada vez que recebe um comentário, uma avaliação crítica, ou alguma sugestão dos seus leitores. Escreva-nos, use a mensagem eletrônica ou a tradicional carta manuscrita no envelope com selo e carimbo, que parece estar ficando fora de moda...

Uma ou outra forma nos agradam igualmente. Boa leitura, amável leitor.

H. & S.A.

54 fato e razão

Movimento Familiar Cristão
Conselho Diretor Nacional

Maria Sebastiana (Sebá) Leão
J. Geraldo e Ma. do Carmo Silva
Mainá e Mara Souza
Veridiano e Ivonete Borges
Tales e Ma. Thereza Silva
Carlos Alberto e Ma. Nilza
Mendes
João e Eliana Prior
Geraldo Rizzo e Ineuza Bomeisel
Maria Aparecida Eduardo
Elias e Hermínia Mariano
Mariza Leão
Luiz Carlos e Rita Martins

Equipe de Redação

Beatriz Reis
Helio e Selma Amorim
R. Des. Saul Gusmão 80 - VIII
22641-280 Rio de Janeiro - RJ
E-mail: amorim@ibpinet.com.br

Distribuidora Fato e Razão

Atendimento Assinaturas
R. Vde. do Rio Branco, 633/1002
24020-005 Niterói - RJ
E-mail: texere@uol.com.br

Livraria do MFC

Pedidos de Publicações MFC
Rua Barão de Santa Helena, 68
36010-520 Juiz de Fora - MG
Tel. (32) 3214-2952
E-mail: ivanleda@uol.com.br

Agência Promoção de Vendas

Sede MFC: Rua Goiás, 132
20756-120 Rio de Janeiro-RJ
E-mail: amorim@ibpinet.com.br

Fotolitos e impressão

Primyl Artes Gráficas
Rua S. João, 25 - slj
24020-000 Niterói - RJ
Tels. (21) 2722-3776 2621-5278
Fax (21) 2722-3777

Capa

Estudo fotográfico: o material que escôa pelos propinodutos.

Sumário

Dutos abertos, dutos fechados, 2

Editorial

Religião é motivo de briga? 6 Frei Betto

É lícito buscar o prazer? 9

Deonira Viganó La Rosa

Desarmar-se, 12

Maria Clara Lucchetti Bingemer

Doenças e remédios, 14 Rubem Alves

A fé dos cristãos, 18 Helio e Selma Amorim

Ritos de passagem, 22 R. Cohen

A justa medida que nos falta, 25

Leonardo Boff

Fariseus, Saduceus, Zelotes, Escravas, 27

Frades Franciscanos

O fator tempo, 29 Deonira Viganó La Rosa

A foto, o fato, a razão, 31

Severino, 32 Helio Amorim

Guardar silêncio, 35 Frei Betto

Ordenação de mulheres, 37

Amor, essa invenção, 39 Marcos Rolim

Libertação, 41 Beatriz Reis

Tudo começou nas classes médias, 42

Sylvio Guedes

Perfil de um homem novo, 44

Pe. Paulo Roberto Gomes

Ética e formação de valores, 46

Leonardo Boff

Resposta de Deus ao Pai Nosso, 48

Mídias da Isadora

Perspectivas da Igreja da Libertação, 49

Entrevista Gustavo Gutiérrez

Espiritualidade e liberdade, 53 Fábio Ramos

Roubaram duas letras, 57 Pe. Zezinho

Não fique tão sério, 58

Mais castigos, mais crimes, 61

Mãe, 64

A Mesa da Partilha, 66

Celebração doméstica

Mar da Galiléa, Mar Morto, 68

Pe. Leandro Padilha

Política combina com ética? 69

Frei Betto

A dinâmica dos grupos, 71

Deonira Viganó La Rosa

Dicas para internautas, 77

MFC: Família e Mundo, 79

Data desta edição: dezembro 2003

Dutos abertos dutos entupidos

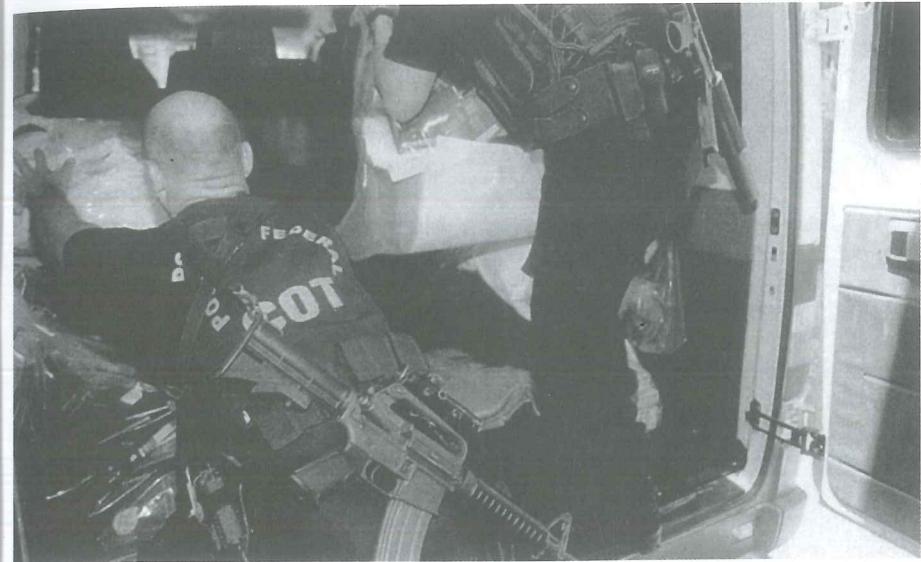
Os das propinas estão francamente abertos. É uma rede intrincada de dutos de largo diâmetro que cobre o país e se conecta com múltiplos e indecentes paraísos fiscais extra-muros. Vão-se descobrindo alguns ramais, numerados para facilitar as tentativas de fechar válvulas e registros.

Os mais recentes foram batizados. Já temos o propinoduto I, o II - e já se anuncia o III envolvendo delegados de polícia e juízes - mas a rede deve ser muito mais extensa, pela facilidade de se manipular o mecanismo informatizado. Basta apertar uma tecla do computador para "deletar" a dívida fiscal da empresa. O dedo que delicadamente aperta a tecla pertence ao mesmo corpo da boca ávida pela propina gorda que o devedor paga com prazer. Assim, corruptos ativos e passivos ficam

felizes e comemoram. O povo paga o prejuízo sem mesmo saber que meteram a mão no seu bolso furado.

É esse o mesmo povo eternamente espoliado por dutos sempre entupidos, estreitos como canudinhos de tomar refresco. Aqueles por onde deveria circular a riqueza do país, escoando as rendas concentradas em poucas mãos para a multidão de famintos e empobrecidos. Os indicadores estatísticos que acabam de ser divulgados provam o entupimento: em 2001, os 10% mais ricos ganharam 47 vezes mais que os 10% mais pobres. Com o desemprego atual nas alturas, o quadro só pode ter piorado.

O cidadão brasileiro que se mantém fiel ao seu compromisso ético com a justiça precisa cuidar para que não se acalme a sua indignação diante da revelação desses diferentes tipos de dutos. Para o cristão que não separa a sua fé desse compromisso, a responsabilidade é ainda mais grave, pela relação direta entre esses desvios éticos e o anúncio da boa nova, que aponta para a construção de um mundo justo e fraternal, solidário e igualitário.



Policiais federais, em outubro de 2003, numa operação mantida em segredo até o fim, durante mais de um ano de investigações, apreendem computadores e meio milhão de dólares em dinheiro e barras de ouro, mais um impressionante arsenal de armas, desmontando outra grande quadrilha que envolve delegados de polícia e juizes.

De um lado, terá que se aliar àqueles que corajosamente denunciam os propinodutos da corrupção desenfreada, submetidos a todo tipo de ameaças, às vezes levadas a cabo em execuções sumárias. De outro, denunciar sem descanso a perversidade intrínseca de um modelo econômico que entope os dutos da justa distribuição da riqueza nacional, gerando fome, miséria, desespero.

O risco é a tentação do desânimo. Na medida da multiplicação de intermináveis golpes antes milionários e agora bilionários, tantos são os propinodutos revelados a cada semana pela mídia, a indignação tende a arrefecer.

Por outro lado, a demora de uma reversão desse entupimento dos dutos da distribuição menos desigual da riqueza depois da mudança política longamente sonhada, pode levar ao conformismo diante da impossibilidade de mudança de rumo do titanic Brasil, explicada com palavras novas e razões antigas. É a sensação de estar preso pelos pés numa arapuca armada por caçadores globais e a impotência coletiva para dela escapar sem ferir as canelas nacionais.

Ora, não é assim. O barco pode mudar de rumo, desviar-se do iceberg, restabelecer a esperança, desde que os timoneiros tenham a coragem de desagravar a arquibancada lá de fora e os

camarotes dos ricos cá de dentro. Dá para escapar das garras da armadilha dos caçadores se não houver medo de sangrar as canelas e sair caminhando com dor e liberdade.

As motivações para a guinada do timão e a dolorosa escapada da arapuca serão a fome que tem pressa, a miséria que faz crescer as favelas, o desemprego que desagrega as famílias e arrasa a auto-estima de milhões de brasileiros.

O recente anúncio do timoneiro, do fim do tempo das vacas magras, passou a idéia de alguma decisão corajosa desse tipo. A imagem usada foi a do tempo de gestação, os nove meses agora cumpridos.

Mas já parece adiada *sine die* essa mudança de rumo pelas ponderações do segundo timoneiro, que certamente se apoia em gestações mais longas de outras espécies animais. O maquinista, nos porões do barco, está satisfeito com o plano de navegação, encantado com os índices que medem o risco-país, o câmbio, o bom comportamento do dragão vencido pelos juros generosos que atraem os dinheiros globais. Manda recado aos timoneiros. Avisa que as máquinas não têm potência suficiente para bruscas mudanças de rumo. E "la nave va".

Voltando aos dutos que funcionam, pode-se ver como é difícil prender quem rouba muito. Por mais provas provadas, as prisões preventivas não duram três dias. As quadrilhas vão responder em liberdade aos

intermináveis inquéritos, audiências, depoimentos, sentenças logo suspensas por recursos espertos, manejados por advogados que ensinam seus clientes a mentir até que os crimes prescrevam.

Muitas vezes se revelam indecentes conluios com juizes que negociam liminares, *habeas corpus*, alvarás e toda a variada gama de defesas acessíveis aos ricos, àqueles que roubaram muito. Os ladrões de segunda e terceira categoria, ao contrário, com provas ou sem provas, sem advogados, vão para cadeias superlotadas, por tempo indeterminado. São torturados e mortos se reagirem, como o infeliz chinês, massacrado estupidamente numa delegacia de bárbaros.

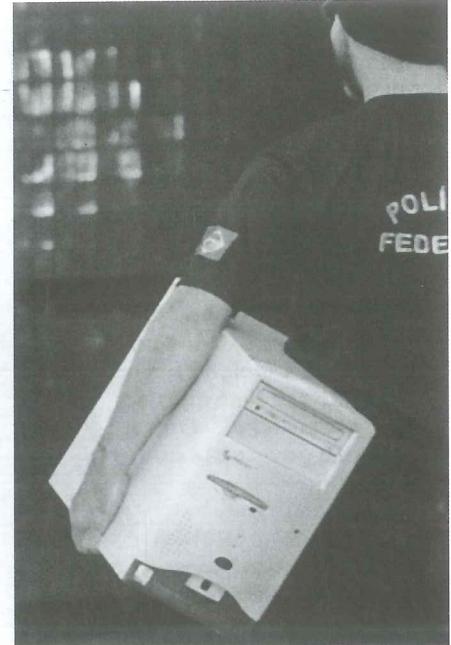
Temos, portanto, historicamente, duas Justiças e duas Polícias. Uma para os trambiqueiros dos propinodutos, outra para os bandidos pés-de-chinelo.

Vem então ao nosso injusto país uma paquistanesa das Nações Unidas, para examinar como vão os direitos humanos por estas bandas do planeta. Fica chocada com os depoimentos sobre torturas e execuções sumárias, e a correspondente impunidade que as alimenta. Chora. Diz o que deve ser dito. Afirma que a Justiça é falha - ou inexistente para a maioria. Sugere que a Organização envie uma missão para analisar o que há de errado no Judiciário, por trás das togas negras dos intocáveis senhores.

A reação é feroz. Uma "interferência externa que agride a nossa soberania", bradam em uníssono, em protesto contra a aparente simpatia do presidente a essa sugestão daquele metro e meio de paquistanesa.

Está bem. Façamos essa tarefa por nós mesmos. Vamos então para a reforma do Judiciário e a criação do controle externo desse poder, proposta que inexplicavelmente horroriza a corporação togada, como heresia contra uma instituição que se considera de natureza divina, desde que comeu o fruto da árvore do bem e do mal no jardim do Éden. E que essa reforma reinvente o arcabouço policial viciado, violento e corrupto.

Talvez por aí deva começar o desentupimento dos dutos por onde fluirão as riquezas das represas cheias dos ricos para as torneiras secas dos pobres, um direito constitucional desrespeitado. E a obstrução dos outros dutos por onde corre para bolsos ávidos e contas fantasmais uma boa parte do dinheiro do povo.



Computadores guardam provas e oferecem generosas informações sobre cumplicidades que devem resultar em futuras operações.

Coisas que dependem da capacidade de indignação e do inconformismo ativo de cada cidadão brasileiro.

Modernos pensamentos antigos...

Uma vez perguntaram a Buda:
"O que mais o surpreende na humanidade?"

E ele respondeu:

- Os homens que perdem a saúde para juntar dinheiro e depois perdem o dinheiro para recuperar a saúde"
- Por pensarem ansiosamente no futuro, esquecem o presente, de tal forma que acabam por nem viver no presente nem no futuro."
- "Vivem como se nunca fossem morrer e morrem como se nunca tivessem vivido"

Religião é motivo de briga



Frei Betto*

Tem gente que briga por qualquer coisa: um pedaço de bolo, um lugar na mesa e até para poder ver TV fora de hora. O bicho homem e o bicho mulher são muito briguentos. Brigam por inveja, ambição ou disputa, como galinhas que bicam a mesma minhoca ou cães que mordem um único osso.

Os animais brigam por instinto. O ser humano por egoísmo ou para conquistar um direito. Muitas vezes um desejo egoísta é confundido com direito. Foi o caso dos portugueses ao desembarcarem no Brasil, em 1500. O rei de Portugal queria engordar de terras o seu país, até formar um império. Julgou-se no direito de ficar dono deste Brasil que já tinha dono: os povos indígenas.

O mundo será melhor quando não houver brigas. Mas, para isto, é preciso, primeiro, haver justiça. Não é bom quando reina paz na família? Deus é amor. Para nos ensinar a amar, Ele inspirou o aparecimento das religiões. Deus mesmo não tem religião e Ele pode ser encontrado através de todas elas.

A palavra religião vem do verbo religar, atar os laços que unem a pessoa a Deus, a seus semelhantes e à natureza. Assim como a água toma o formato da garrafa que a contém, as religiões trazem marcas das culturas em que nasceram. Aos poucos, elas ganharam novos fiéis, superaram as fronteiras de seus países de origem e espalharam-se pelo mundo.

Ao longo dos séculos houve muitas brigas entre pessoas que professavam diferentes religiões. Muitas vezes, nem eram por razões religiosas, e sim políticas e econômicas, como foi o caso dos cristãos europeus que, interessados em conquistar a África, combateram as religiões dos povos negros. Brigas dentro de uma mesma religião deram origem a outras.

Ao longo dos séculos houve muitas brigas entre pessoas que professavam diferentes religiões. Muitas vezes, nem eram por razões religiosas, e sim políticas e econômicas

Foi o caso do Cristianismo, que nasceu como um galho cortado do tronco do Judaísmo. Jesus era judeu e freqüentava a sinagoga. Por não ser reconhecido pelos judeus como o Messias enviado por Deus, Jesus acabou fundando outra religião, a cristã.

Dentro do Cristianismo houve muitos desentendimentos, fazendo com que ele se divida, hoje, em três confissões: a católica, a ortodoxa e a protestante ou evangélica. Todos aqueles que comungam uma mesma fé ou maneira de crer em Deus julgam que a sua religião, confissão religiosa ou Igreja é a única verdadeira.

Todas as religiões ensinam o amor como a atitude que nos



aproxima mais de Deus e de nossos semelhantes. Ora, quem ama é tolerante, sabe compreender e perdoar. Assim, todos nós devemos levar a sério a religião que abraçamos e, ao mesmo tempo, manter profundo respeito frente às religiões diferentes da nossa.

É isso que se chama ecumenismo: saber conviver com as religiões, confissões religiosas e Igrejas diferentes da nossa. Recentemente, um grande ato ecumênico ocorreu em S. Paulo: "Fé no Voluntariado". Mais de 50 denominações religiosas celebraram, no estádio da Portuguesa, sua disposição de promover o trabalho voluntário. Ali todos se abraçaram: católicos e evangélicos, judeus e muçulmanos,

espíritas e afrobrasileiros, budistas e mórmons.

Fala-se muito, hoje, em "fundamentalismo religioso". Fundamentalistas são aqueles que consideram que a sua maneira de entender uma religião é a única certa, e que todas as outras maneiras, bem como as demais religiões, devem ser combatidas. Isso é tão absurdo como pensar que a língua que falo é a única que

expressa o verdadeiro sentido das palavras.

Fazer da religião motivo de briga é dar as costas para Deus. Quem é fiel a Deus reconhece no seu próximo, ainda que ele seja ateu (aquele que nega a existência de Deus), uma pessoa criada à imagem e semelhança divinas. Todas as religiões se resumem num único mandamento: amar.

* Frei Betto é dominicano, autor de "Os dois irmãos" (Salesiana), entre outros livros.

- Percebemos, na nossa cidade, uma verdadeira abertura para o diálogo fraterno entre as religiões?
- Tem havido celebrações religiosas ecumênicas? E ações sociais conjuntas?

MUDANÇA DE PARADIGMA

Frases que não deveriam ter sido ditas...

"Quando a Exposição de Paris se encerrar, ninguém mais ouvirá falar de luz elétrica."

Erasmus Wilson, da Universidade de Oxford, 1879

"O cinema será encarado por algum tempo como curiosidade científica, mas não tem futuro comercial."

Augusto Lumière, sobre seu próprio invento, 1895

"Os raios-X são uma mistificação."

Lord Kelvin, físico e presidente da Sociedade Real Britânica de Ciência, 1900

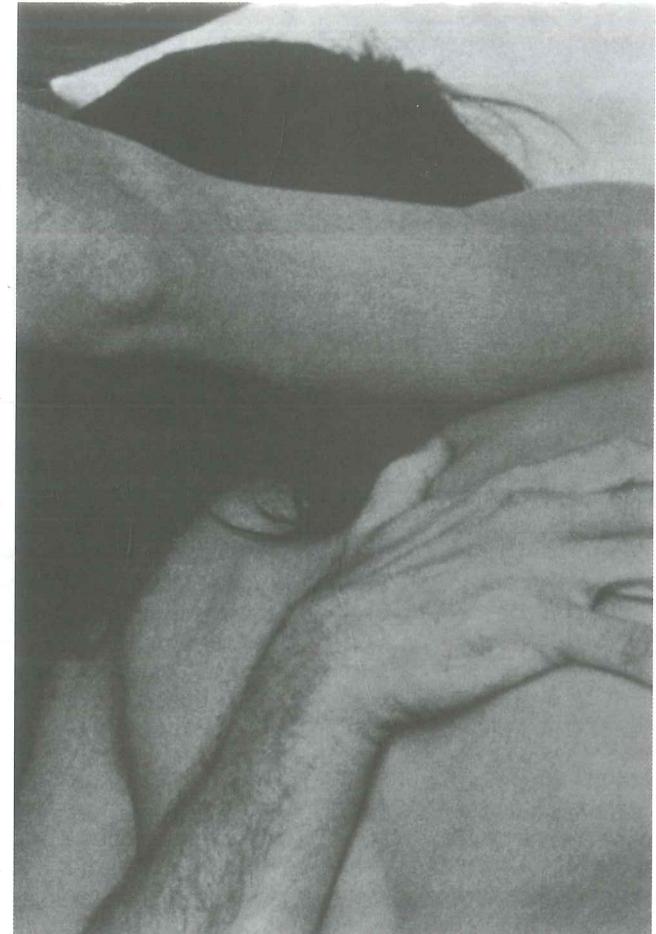
"O avião é um invento interessante, mas não vejo nele qualquer utilidade militar."

Marechal Ferdinand Foch, professor de estratégia da Escola Superior de Guerra da França, 1911

"Até julho sai de moda."

Revista Variety, sobre o rock'n'roll, março de 1956

A noção de pecado vinculada ao prazer permeia a história, desde Adão e Eva. A renúncia ao prazer, a virgindade e o celibato estiveram historicamente associados à santidade e à salvação. Hoje entendemos que essas variáveis podem ou não estar ligadas à santidade.



É lícito buscar o prazer?

Deonira Viganó La Rosa*

A compreensão do prazer como sendo prejudicial à vida espiritual se enraíza na mentalidade própria do dualismo grego, que entendia a alma como sede das virtudes e o corpo como receptáculo de todos os vícios.

Entretanto, de nenhuma maneira se pode usar essa mentalidade para explicar a oposição bíblica entre carne e espírito, de que fala São Paulo (Gál 5, 16-17). Os biblistas entendem que, quando se leva em conta outros textos paulinos, se

chega a entender que "carne" não aparece como sinônimo de corpo, mas significa um estilo de vida alheio ao mundo da graça. *Viver segundo a carne* é expressão usada para assinalar qualquer atividade humana pecadora, inclusive as que designamos como estritamente espirituais. Compreende também "idolatria, feitiçaria, ódio, rixas, ciúmes, ira, discussões, discórdias, divisões" (Gál 5, 20-21).

Na verdade, as forças do mal residem no coração e se infiltram na totalidade de nosso ser. E se cremos que Jesus nos libertou, o corpo não fica excluído dessa salvação.

O medo do prazer

O medo do prazer fez com que a sexualidade perdesse seu caráter festivo para muitos cristãos. A satisfação devia ficar a serviço da espécie, isto é, da procriação. Ideal seria tentar eliminar o prazer, o que não deixa de aproximar-se do patológico.

Ao insistir na função procriadora do ato sexual, em detrimento de sua função unitiva e amorosa, a ética sexual ficou reduzida à genitalidade. A moral considerava pecaminoso qualquer comportamento que pudesse despertar o prazer. Assim, muito poucas pessoas se sentiam culpadas pela falta de carinho em sua vida sexual, porém muitas se preocupavam em não pecar contra a procriação.

Moralistas atuais, como o professor padre Eduardo L. Azpitarte (*Ética da*

sexualidade e do matrimônio, Editora Paulus), por exemplo, explicam que a legitimidade do prazer não provém de que o sexo esteja a serviço de outra função. O prazer é fenômeno eticamente neutro: são as posturas extremas e os desvios que lhe negam função dentro da existência humana. Nem a busca constante e exagerada do prazer, nem a tentativa de evitá-lo ao máximo servem para colocá-lo em seu verdadeiro contexto.

Enquanto não se absolutizar o prazer como valor supremo e enquanto ele não estiver acompanhando uma conduta desumanizante, deve-se considerá-lo como bom.

Sexualidade e cotidiano

A ética sexual tem que ir além da pura genitalidade. É possível, sim, que o encontro entre sexos diferentes seja desvirtuado e adquira matizes utilitários e egoístas. Isso acontece toda vez que o outro não interessa como pessoa, mas é usado para a satisfação solitária. Entretanto, é mister ressaltar que quando o prazer não é compartilhado, também as palavras, o olhar, o sorriso ou o passeio de mãos dadas estão manchados em suas raízes primeiras. Ainda que o genital não intervenha, existe uma falsificação de fundo que impede um autêntico diálogo humano.

O encontro sexual é exaltação gozosa para celebrar a festa do amor e alimentar o carinho, onde não devem estar ausentes o jogo, a

alegria e a satisfação mais plena entre duas pessoas que mutuamente se entregam e compartilham suas vidas. O corpo faz-se palavra e mensagem, símbolo de abraço total que expressa a felicidade da comunhão. Assim vivido, é sacramento de Deus-Amor.

Todo ser humano tem direito à ternura, ao afeto. Cabe-nos a tarefa de resgatar o corpo como elemento positivo, nesse sentido, através da educação.

*Terapeuta de Família e de Casal. Mestre em Psicologia



"O corpo faz-se palavra e mensagem, símbolo de abraço total que expressa a felicidade da comunhão. Assim vivido, é sacramento de Deus-Amor".

Amizade

Certa vez um soldado disse ao seu tenente:

- Meu amigo não voltou do campo de batalha, senhor, solicito permissão para ir buscá-lo.
- Permissão negada! - replicou o oficial. Não quero que arrisque a sua vida por um homem que provavelmente está morto.
- O soldado, ignorando a proibição, saiu, e uma hora mais tarde regressou, mortalmente ferido, transportando o cadáver de seu amigo.
- O oficial estava furioso:
- Já tinha dito que ele estava morto! - esbravejou. - Agora eu perdi dois homens! Diga-me: Valeu a pena trazer um cadáver?
- E o soldado, moribundo, respondeu:
- Claro que sim, senhor! Quando o encontrei, ele ainda estava vivo e pôde me dizer:
"Tinha certeza que você viria!"

DESARMAR-SE

o Brasil agradece

Maria Clara Lucchetti Bingemer*

O Brasil viveu o processo da campanha e legislação destinada a limitar o porte de armas por parte de seus cidadãos. E enquanto a campanha crescia e caminhava, estimulada pelos pacifistas, encontrava obstáculos na ação de lobistas e grupos a quem interessa que as armas proliferem e que os cidadãos comuns, alarmados pela insegurança das grandes cidades, passem a comprá-las para o caso de delas necessitarem. O argumento é que as pessoas de bem precisam defender-se dos bandidos que sempre andam armados. E para tal é preciso ter uma arma em casa.

As pesquisas de instituições que trabalham em favor da paz demonstram que, hoje em dia, as armas de fogo, mesmo as pequenas e leves, são as mais usadas no genocídio e destruição em massa que ora está em curso em nosso país e no mundo. Os números assustadores! mostram que enquanto a cada ano cerca de 500 mil pessoas morrem no mundo por causa de armas de fogo, o Brasil é protagonista de uma décima parte desse macabro total. E as vítimas

são na sua esmagadora maioria jovens entre 15 e 24 anos do sexo masculino. É toda uma geração sacrificada pelo flagelo das armas oferecidas e usadas irresponsavelmente. Armas pequenas são de fácil aquisição, seja de forma legal ou ilegal. Fáceis de esconder, de usar e difíceis de controlar. As consequências podem ser vistas todos os dias nos jornais e nos telejornais.

Homens, mulheres e crianças estão na mira da violência nas favelas e no asfalto das cidades brasileiras. Nas ruas e nas escolas, a todo momento alguma bala perdida ou intencional pode matar ou inutilizar para sempre um jovem, uma criança, um adulto.

Adolescentes e jovens são os que correm o maior risco, estando assim ameaçada toda uma geração e, por extensão, o futuro de um país e de uma nação. A venda livre de armas mudou a face e a natureza da violência urbana. Quando há armas por perto, conflitos banais podem tornar-se tragédias irreversíveis. Sociedades antes tranqüilas passam a ser campos de batalhas

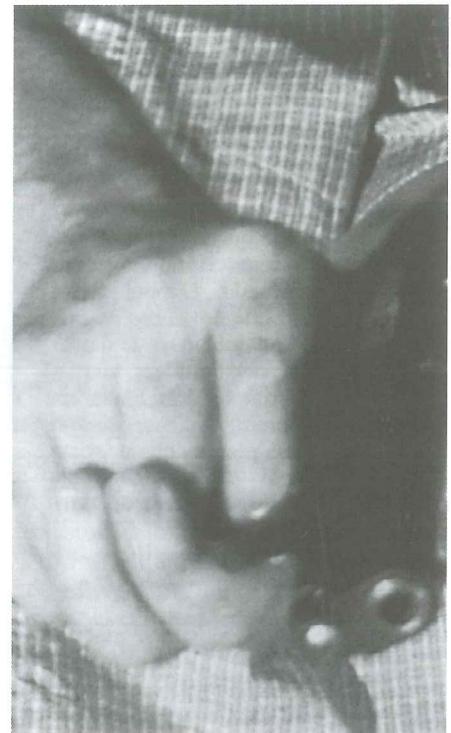
para gangues urbanas. Mesmo após o fim dos conflitos, os esforços para o perdão e a reconciliação são frustrados pela instabilidade causada por essas armas e seu potencial letal colocado nas mãos erradas e na hora errada.

A arma de fogo pode não ser a causa direta da violência, mas certamente é um dos principais instrumentos para sua prática em momentos de conflitos.

Assim, é muito mais um perigo do que uma proteção, pois cria uma falsa sensação de segurança e desmobiliza os esforços para construir trabalhosa e diuturnamente a concórdia e a paz. Além disso, o uso da arma de fogo para resistir a um assalto na verdade aumenta as chances de a vítima ser baleada ou morrer.

Como todo instrumento de prática da violência, seja ela qual for, a posse e o porte da arma de fogo transformam todos nós em potenciais assassinos, possíveis suicidas ou truculentos guerreiros. Carregar consigo o recurso para matar indica que admitimos, ainda que inconscientemente, a possibilidade de fazê-lo.

E, se assim for, nunca conseguiremos construir um futuro melhor e mais pacífico para nossos filhos e seus descendentes. Talvez nem tenhamos descendência para gerar e criar. Podemos ter matado a vida no seu nascedouro, bastando



Desarmar-se, mais que depor fisicamente um instrumento letal, deve começar pela atitude interior de não admitir carregar consigo nada que possa, ainda que remotamente, acrescentar uma fagulha que seja à incandescente violência que assola nosso país e o mundo em que vivemos.

Portanto, desarmemo-nos. E ajudemos amigos e conhecidos, inimigos e rivais, a fazer o mesmo: baixar as armas para que a paz seja possível. Ajudemos o Brasil a desarmar-se, se quisermos que, depois de nós, ainda haja vida em abundância para todos.

*Teóloga, escritora

Rubem Alves*

Doenças & remédios

Minhas Netas: Quando vocês estão com dor de cabeça vocês sabem que aspirina é o remédio. É uma tosse fraquinha? É só comprar um xarope na farmácia. A tosse não passa, está com febre? É melhor ir ao médico. Pode ser pneumonia. O médico examina, escuta os pulmões com um estetoscópio. Muitas palavras a gente usa sem saber o que significam. Estetoscópio é uma delas. Quem batizou esse instrumento, possivelmente o seu inventor, juntou duas palavras gregas: stethos, que quer dizer "peito", e skopein, que quer dizer "ver, examinar". Então estetoscópio é um instrumento que se usa para ouvir o que está dentro do peito. Antes do estetoscópio o médico usava era mesmo o ouvido. Li, não sei onde, e nem sei se é verdade, que quem inventou o estetoscópio era um médico muito tímido que ficava vermelho de vergonha toda vez que tinha de encostar o seu ouvido no peito de uma mulher, especialmente se os seios dela eram grandes e ele tinha de usar suas mãos para afastá-los. Para se livrar desse embaraço ele passou a

usar um canudo de papelão, e descobriu que assim se ouvia muito melhor. O resto foram melhorias... Pois o médico escuta os pulmões, diz que há um ronco estranho na base do pulmão esquerdo, pede uma radiografia para confirmar o que o ouvido ouviu. Radiografia, como vocês sabem, é um tipo especial de fotografia. O aparelho de Raio-X, que faz a radiografia, é uma máquina fotográfica que fotografa aquilo que os olhos não vêem, o que está dentro do corpo, usando raios que atravessam os músculos. O médico vê a fotografia dos pulmões, encontra uma mancha no lugar onde o estetoscópio havia detectado um ronco, e dá o diagnóstico, isto é, diz a sua conclusão. "É, você está com pneumonia. Tem de tomar um antibiótico." A pessoa toma o antibiótico e fica boa. Nós procedemos assim porque confiamos nos remédios e nos médicos. Confiamos nos remédios porque eles são produzidos com os resultados da ciência. E confiamos nos médicos porque os seus saberes são os saberes da ciência. Não sabemos. Confiamos.

Mas lá na roça não havia remédios para se comprar porque não havia farmácias e nem médicos que identificassem a doença e conhecessem o remédio certo. Na roça a farmácia não era de comprido, xarope e injeção. Na roça a farmácia crescia na horta: ervas medicinais. E cada pessoa tinha de saber transformar a erva em bebida. O processo era simples: tomavam-se as folhas e as colocavam em água fervente. Virava

Cuidado com os Microbios!!!
A ANTISEPSIA VOLATIL

Pastilhas VALDA

Esteriliza. Desinfeta. Purifica o ar respirado

Destruí os microbios
Evita as doenças que determinam

CURAE

Constipações. Defluxos.
Ronquidões.
Doenças da Garganta.
Bronchites. Catarrhos.
Asthma. Grippe.
Influenza. Empysema.
etc etc

PELO EMPREGO DAS

PASTILHAS VALDA

Agents Gerais
FERREIRA NEWKAMP & C°
Caixa 35
RIO DE JANEIRO



Anúncio de pastilhas milagrosas publicado na revista "Caretas", em 1914

chá. Chá de guaco, chá de camomila, chá de hortelã, chá de folha de laranja, chá de funcho, chá de boldo, chá de carqueja, chá de losna... A lista não tem fim. E cada pessoa tinha de ser o médico: tinha de saber identificar as doenças: vento virado, espinhela caída, nó na tripa, estupor, dor de barriga, indigestão, caganeira, torcicolo, batedeira do coração, congestão, galo, queimação no estrambo, erisipela, furunco, cabeça de prego, barriga d'água, derrame, reumatismo, mal dos sete dias, picadura de cobra, picadura de aranha, picadura de escorpião, queimadura, espinho, hérnia, dor de cabeça, sangue pisado, corte,

queimadura de taturana, coceira de urtiga, enjôo de estrambo, crupe, coqueluche, tétano, morróida, nervosia, perna quebrada, bicho-de-pé, berne, lumbriga...

Quem faz chás já sabe um pouco de química: sabe que água fervendo é solvente poderoso que pode extrair das folhas das plantas os seus líquidos curativos. O que me intriga é a história de como os homens descobriram as plantas que curam. Porque plantas, há aos milhares. Como é que eles ficaram sabendo que essa planta é boa para isso, aquela outra é boa para aquilo? Conhecimento não cai do céu. Ele nasce da experiência. Por vezes, vendo o efeito da planta num animal. Conta a lenda que foi assim que se descobriu o café: um pastor de cabras, no oriente, percebeu que suas cabras ficavam mais ativas e vivas depois que comiam umas frutinhas vermelhas. Ele ficou curioso, começou a experimentar as frutinhas, teve a idéia de torrar as sementes e moê-las para misturá-las com água fervente e foi assim que o café foi descoberto. Por vezes a experiência era outra: o animal comia a planta, estrebaruchava e morria. A conclusão era clara: aquela planta era veneno. Quem bebe veneno morre. Mas podia ser usado em pontas de flechas. O filósofo Sócrates foi condenado por um tribunal da cidade de Atenas a morrer, bebendo o suco de uma planta venenosa chamada cicuta. Peça ao seu professor ou ao seu pai que lhe conte a história de Sócrates.

e lhe explique o que ele ensinava. Os venenos sempre foram usados com fins políticos, para matar os inimigos. Prestem atenção quando forem ao restaurante: quando se serve vinho, o garçom põe o vinho primeiro no copo daquele que vai pagar a conta, e ele bebe e aprova. Dizem que é para ver se o vinho está bom. Não é não. Esse ritual tem suas origens em tempos muito antigos: o anfitrião (aquele que convidou) bebia do vinho diante dos convidados como que para lhes dizer: "Podem beber. Não está envenenado!" Hoje, para matar os inimigos, os políticos não usam mais bebidas envenenadas. Eles usam palavras envenenadas... O interessante é que os venenos, se usados em doses mínimas, podem ter efeitos curativos.

Eu mesmo experimentei e ainda experimento os poderes dos chás. Um deles, terrível, se chama losna. É uma planta que cresce no mato. Eu já era mais crescendo e fiz uma maldade. Peguei uma saracura numa arapuca. Saracura é uma ave do tamanho de um franguinho. Pois eu matei a saracura e pedi para a cozinheira fazer um ensopado de saracura. Ela fez. Eu comi. Castigo da saracura: tive uma dor de estômago terrível. A cozinheira, apelidada Tofa (seu nome era Astolfina) me disse: "O remédio é chá de losna". Ela fez o chá de losna e eu bebi. Juro: não existe no mundo coisa mais amarga que losna. Foi o chá de losna cair no meu estômago e a saracura saiu voando pela minha boca... Fiquei curado da minha dor.

*E os poderes do maracujá? O maracujá é calmante. Há muitos remédios em nossas farmácias feitos à base de maracujá. Sobre o maracujá há uma linda lenda. O nome científico do maracujá é "passiflora", do Latim *passio*, que quer dizer "paixão" e *flora*, que quer dizer "flor": flor da paixão. Que paixão? A paixão de Nossa Senhora Jesus Cristo, na cruz. A flor do maracujá é roxa. A lenda explica por que ela é roxa. Havia até uma poesia que começava assim: "Maracujá já foi branco,/ Eu posso intê lhe jurá,/ Mais branco que o argodão,/ Mais branco que o luá..." O resto, eu esqueci. Mas me lembro da estória. Ao pé da cruz de Cristo havia um pé de maracujá florido com suas flores brancas. Mas o sangue de Cristo pingou nas flores, e elas ficaram roxas. É por isso que se chama *passiflora*, flor da paixão. É claro que isso é apenas uma lenda... bonita... Refresco de maracujá é bom para quem tem insônia. Um copo de refresco de maracujá antes de dormir dá sono tranqüilo...*

Quando eu estava com tosse a maldita tosse de cachorro, aquela que raspa na garganta e dói - minha mãe me dava um chá de canela e punha angu quente no peito. Angu quente porque não havia bolsa de água quente. Minha mãe sabia que o calor ajudava a dissolver o catarro que fica nos brônquios e nos pulmões. Claro, não era angu quente, direto no peito. Derramava-se o angu mole num pano, embrulhava-se o angu no dito pano e se colocava o calor embrulhado sobre o peito. Era bom. O calor

ajuda a aliviar a dor. Para dor de garganta, gargarejo de água morna e sal. Ou um pano embebido em álcool (pinga faz o mesmo efeito) e enrolado no pescoço.

Quando eu era menino e estava na escola não gostava de estudar história. História amargava feito losna. Eu tinha de decorar datas, nomes de batalhas, nomes de homens sem sentido, acontecimentos políticos que não me interessavam, guerras. Acontecia o que aconteceu com o ensopado de saracura: eu vomitava, esquecia... Mas eu teria amado estudar a história dos homens na

sua luta contra a dor, contra a doença e a morte!

No princípio era a dor... Foi a dor que fez os homens pensar. Pensaram no que fazer para parar de sofrer. A ciência começa sempre com a dor. E todo o conhecimento científico que os homens criaram e acumularam através dos milênios tem um objetivo apenas: fazer com que sofram menos. É preciso não sofrer para poder ter alegrias. Assim, a ciência, que tira a dor, está a serviço da arte, que dá alegria.

**Psicanalista, escritor, teólogo.*

NÃO BASTA TER UM BOM ADVOGADO.

Um réu estava sendo julgado por assassinato na Inglaterra. Havia fortes evidências sobre a sua culpa, mas o cadáver não aparecera. Quase no final da sua sustentação oral, o advogado, temeroso de que seu cliente fosse condenado, recorreu a um truque:

- "Senhoras e senhores do júri, eu tenho uma surpresa para todos vocês", disse o advogado, olhando para o seu relógio. - "Dentro de um minuto, a pessoa presumivelmente assassinada, neste caso, vai entrar neste tribunal." E olhou para a porta.

Os jurados, surpresos, também ansiosos, ficaram olhando para a porta. Um minuto passou. Nada aconteceu. O advogado, então, completou:

- "Realmente, eu falei e todos vocês olharam com expectativa. Portanto, ficou claro que vocês têm dúvida, neste caso, se alguém realmente foi morto, por isso insisto para que vocês considerem o meu cliente inocente". Os jurados, visivelmente surpresos, retiraram-se para a decisão final.

Alguns minutos depois, o júri voltou e pronunciou o veredito:

- "Culpado!"

- "Mas como?" perguntou o advogado...

- "Vocês estavam em dúvida, eu vi todos vocês olharem fixamente para a porta!"

E o juiz esclareceu:

- "Sim, todos nós olhamos para a porta, mas o seu cliente não..."

A fé dos cristãos

Helio e Selma Amorim*

A essência da fé dos cristãos está em crer em Deus, conhecer o Seu Projeto e ter aderido a ele. A esse projeto, Jesus chama de Reino, o Reino de Deus.

O projeto de Deus é a plena humanização de cada homem, de cada mulher, para que todos (e não alguns) se humanizem plenamente e sejam Sua imagem e semelhança.

Ao nos ensinar a rezar, Jesus nos orienta a pedir ao Pai que venha a nós (aqui e agora) o Seu Reino, e assim seja feita a Sua vontade (o Seu projeto), assim na terra (na história humana) como já prometido para depois da nossa ressurreição (céu). Essa foi a fé de Jesus de Nazaré.

Ser cristão não é apenas ter fé em Jesus mas assumir a fé de Jesus. Agir hoje como ele agiu diante das realidades sociais, religiosas, políticas e culturais do seu tempo. E estar disposto a aceitar as possíveis consequências desagradaíveis dessa adesão.

Para que se realizasse o Seu projeto, Deus criou um mundo exuberante, de riquezas abundantes, capaz de oferecer

condições para que essa humanização fosse possível.

Entretanto, entregou aos homens e mulheres criados a responsabilidade de construir um modelo de sociedade em que essa plena humanização se realizasse. Determinou que cuidassem responsávelmente da natureza, do mundo criado, para que fossem asseguradas as condições para a humanização de todos.

Ora, as criaturas romperam com esse projeto. Quiseram ser como Deus, escolhendo outro projeto. É o pecado original, não por estar na origem da Criação, mas por ser a origem de todos os males do mundo. É um pecado sempre atual, cometido todos os dias, em cada ato que se opõe ao projeto humanizador do Criador.

Ao longo da história, homens e mulheres foram tecendo uma sociedade de opressão, discriminações, competição cruel, consumismo desvairado com a consequente predação da natureza. As possibilidades de humanização tornaram-se limitadas, restritas a uma parcela de privilegiados,

O pobre que não come o que precisa comer vê o mundo por uma ótica diferente da ótica dos que comem três vezes ao dia. É preciso conviver com o pobre, ter um contato próximo, sensorial, estar presente onde vive, sentir a estética e o odor da pobreza - para ser capaz de ver o mundo pela ótica correta.

excluindo multidões dos benefícios da civilização e do progresso.

O planeta já não suporta a violência da predação. Os mais necessários recursos naturais não são infinitos nem renováveis. Os países ricos moldaram um estilo de vida descontroladamente consumista e os países periféricos tentam imitá-los. O cinema e a TV levam às nossas casas, todos os dias, cenas desse estilo de vida, que não pode ser universalizado. A Terra estaria destruída num prazo curtíssimo.



Só os Estados Unidos, com apenas 4% da população mundial, consomem cerca de um terço de tudo que se produz no mundo, e um terço do petróleo consumido no planeta. Se 15% da população mundial consumissem o mesmo que os norte-americanos, não sobraria uma só migalha de pão ou gota de petróleo para os outros 85%... - o que nos faz suspeitar de que algo está errado. Mas nossas classes médias - e não só as mais abastadas - seguem o modelo, igualam o nível

de consumo familiar daquele país. E se sentem frustradas enquanto não alcançam esse ideal, nessa busca sôfrega.

O mesmo país, secundado pelos demais países ricos, são também os responsáveis principais pela poluição da atmosfera, pelo efeito-estufa e por tudo mais que acontece pela emissão de gases da queima de combustíveis, naquela mesma proporção. Por isso, recusa-se a firmar o Acordo de Kioto, que o obrigaria e reduzir progressivamente aquelas emissões. Pior ainda: o governo Bush acaba de revogar parte da legislação de controle de gases industriais, por pressão dos grupos que o apoiam, já pensando em remover barreiras para a sua reeleição.

Cresce agora a preocupação com a escassez de água no planeta. A destruição de florestas, os lançamentos de efluentes industriais nas fontes e rios e toda sorte de agressões à natureza já fazem prever catástrofes futuras. O problema já está presente em muitas regiões do mundo. Nossa país tem água em abundância mas há regiões em que ela é escassa e exige cuidadosa preservação. Desastres ecológicos sucessivos nos fazem duvidar se já levamos a sério essa questão.

Todos esses indicadores refletem a injusta organização da sociedade global, que se reproduz em cada país, nos diversos modelos sócio-político-econômicos já praticados ao longo da história. Salvo irrupções episódicas, a história vai sendo escrita e modelada, através dos tempos, pelos ricos e poderosos.

O atual modelo neoliberal que parece ter-se imposto, com pretensão de vida longa, em escala planetária, leva ao extremo as desigualdades e divisões sociais. "Ricos cada vez mais ricos, a custa de pobres cada vez mais pobres" - diz a Igreja, em Puebla.

Jesus viveu e compreendeu essa realidade. Nasce numa sociedade dividida, é parte de um povo dominado, insere-se na parcela mais desprezada e convive com os pobres. A pobreza era então considerada como castigo de Deus: são pobres, leprosos, miseráveis por não cumprirem a lei dos patriarcas de sua religião.

Justamente esses se tornam os prediletos de Jesus. Foi clara, portanto, a sua opção pelos pobres. Jesus não era da classe mais pobre. Pertencia a uma família de artesãos. Provavelmente se enquadraria hoje no que classificamos como classe média, de nível modesto.

A pregação de Jesus estava focada na denúncia dessas situações de exclusão social. Desafiava os ricos à partilha de seus bens com os excluídos, como a forma por excelência de agradar a Deus, de aderir ao projeto do Reino. A mesa da partilha do pão torna-se o grande símbolo do cristianismo. Mais do que a cruz, que foi um acidente de percurso. A pregação da partilha culminou na ceia da véspera da morte. A eucaristia tornou-se, assim, o símbolo definitivo, o coroamento da sua pregação. Jesus anuncia que estará presente sempre que, em sua memória, o pão e o vinho sejam partilhados. Pão e vinho são símbolos do que a natureza oferece

a todos os homens e não a alguns. Também são frutos do trabalho dos homens, que devem ser repartidos entre todos.

Mas Jesus acrescenta a esse rico simbolismo a partilha do próprio ser, do corpo e do sangue. Propõe o desafio da partilha do que somos, do nosso saber, dos talentos, do tempo, da segurança, dos bens, dos privilégios de classe que nos foram regalados, assumindo o risco de perdas e mesmo de muitas formas de morte.

- Será que a classe média sente simpatia verdadeira pelos pobres? Ou sentem o mesmo que os fariseus daquele tempo?
- A simplicidade de uma vida austera é valorizada, ou prevalece, em nossas famílias, a tentação do consumo além da conta?
- O cuidado com a natureza, a preocupação com o desperdício de água, alimentos e energia são comuns na nossa vida cotidiana?
- Percebemos como será diferente a visão dos nossos hábitos de classe média pelos olhos dos pobres?

Cada família do MFC - uma assinatura por ano!

Este é um novo compromisso do MFC com a conscientização e evangelização das famílias:

VENDA OU DÊ DE PRESENTE, CADA ANO, FORA DO MFC, UMA ASSINATURA DE

fato
e razão

Envie o nome e endereço de um filho, parente, amigo, compadre, afilhado, colega, vizinho, aluno, freguês... com um cheque nominal cruzado ao MFC

Assinatura anual 2002: 18 reais (4 números)

Distribuidora MFC de Fato e Razão

R. Visconde do Rio Branco, 633 / 1002 - CEP 24020-005 Niterói - RJ

Tel/Fax (21) 2717-4878 E-mail: texere@uol.com.br

Ritos de passagem

R. Cohen*

Há muitos anos, meus pais, minha mulher, meu filho e eu jantamos num desses restaurantes onde o cardápio está escrito num quadro-negro. Depois de uma ótima refeição, o garçom colocou a conta no centro da mesa. Eis o que aconteceu: meu pai não apanhou a nota.

A conversa continuou. Finalmente percebi. Era para eu me encarregar da conta. Depois de ir a centenas de restaurantes com meus pais, depois de pensar a vida toda que meu pai é que era o dono do dinheiro, tudo tinha mudado. Apanhei a nota e minha visão de mim mesmo mudou de repente. Eu era adulto.

Algumas pessoas demarcam a vida em anos. Eu meço a minha por pequenos fatos, por ritos de passagem. Não me tornei rapaz numa idade determinada - treze anos, por exemplo -, mas quando um garoto entrou na loja em que eu trabalhava e me chamou de senhor. Ele repetiu senhor várias vezes, olhando direto para mim. Houve outros fatos marcantes. Os policiais da minha juventude sempre me pareceram grandes, enormes

até, e, naturalmente, eram mais velhos do que eu. Até que um dia, num instante, percebi que eles não eram nada disso. Na verdade, alguns eram garotos e pequenos.

Chegou um dia em que me dei conta de que todos os jogadores de futebol da partida a que estava assistindo eram mais novos do que eu. Eram apenas garotos altos. Com tal fato marcante foi-se embora a fantasia de que um dia, talvez, eu também pudesse me tornar um jogador de futebol. Mesmo sem jamais ter alcançado a montanha, eu a tinha transposto.

Nunca pensei que chegaria a cair no sono vendo televisão, como meu pai fazia. Agora sou ótimo nisso. Nunca pensei que iria à praia sem nadar. E acabei de passar o verão todo no litoral sem entrar na água uma só vez. Nunca pensei que apreciaria ópera, mas agora a combinação de voz e orquestra me atraem. Nunca imaginei que ia preferir ficar em casa à noite, mas agora me vejo recusando convites para festas.

Considerava estranhas as pessoas que observavam pássaros, mas nesse verão me peguei fazendo a mesma coisa. Acho até que vou escrever um livro a respeito. Anseio por uma convicção religiosa que jamais imaginei querer e sinto uma proximidade com antepassados que já partiram há muito tempo. E o mais incrível é que, nas discussões com meu filho, repito os argumentos de meu pai - e ainda saio perdendo. Um dia comprei uma casa. Um dia - que dia! tornei-me pai e, não muito



depois disso, paguei a conta no lugar de meu pai. Imaginava que esse dia tinha sido um rito de passagem para mim. Mas, depois, um pouco mais velho, comprehendi

que fora para ele também. Um outro fato marcante.

*Escritor - Extraído de Histórias para aquecer o coração dos pais.

- Vamos recordar fatos marcantes da nossa vida? Fatos que marcaram a nossa infância, adolescência, juventude?
- Como percebemos hoje a relação com nossos pais nas diversas fases da nossa vida? Quais os momentos das descobertas mais importantes?

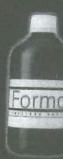
E tem gente que diz que o cigarro não é droga



Contém **acetona**,
removedor de esmalte



Contém **terebintina**,
que dilui tinta a óleo



Contém **formol**,
conservante de cadáver



Contém **amônia**,
desinfetante para pisos,
azulejos e privadas



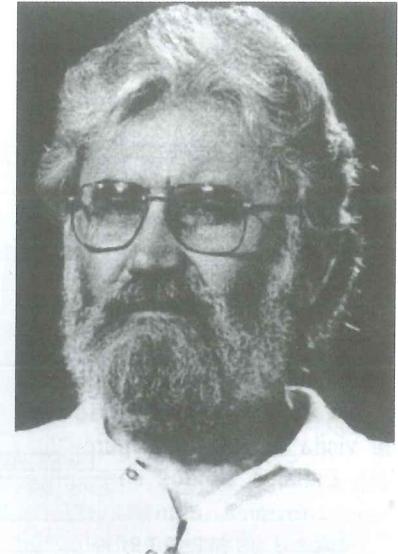
Contém **naftalina**,
eficiente mata-baratas



Contém
fósforo P4/P6,
eusado em
veneno para ratos

Cigarro faz mal até na propaganda.

A cultura imperante é em tudo excessiva. Não tem o sentido da autolimitação nem o senso da justa medida. Por isso está em crise, perigosa para o seu próprio futuro. O desafio é: qual é justa medida que preserve o capital natural e a sobrevivência?



A justa medida que nos falta

Leonardo Boff*

A justa medida é o ótimo relativo, o equilíbrio entre o mais e o menos. Por um lado, a medida é sentida negativamente como limite às nossas pretensões. Daí nasce a vontade e até o prazer de violar o limite. Por outro, é sentida positivamente como a capacidade de usar, de forma moderada, as potencialidades para durarem mais. Isso só é possível, quando se encontra a justa medida.

As culturas da bacia mediterrânea, de onde viemos, egípcia, grega, latina e hebraica, postularam

sempre a busca da justa medida. Essa era e é também a preocupação central do budismo e da filosofia ecológica do Feng-Shui chinês. Para todas, o símbolo maior era a balança e as respectivas divindades femininas, tutoras da justa medida.

A deusa Maat, dos egípcios, cuidava para que tudo fluísse equilibradamente. Mas os sábios egípcios cedo entenderam que a justa medida exterior só se alcança a partir da justa medida interior. Sem a convergência da Maat interior com a exterior perdemos a justa medida, vale dizer o equilíbrio, e nos mostramos destrutivos.

Uma das características

fundamentais da cultura grega foi a busca insaciável da medida em tudo ("métron"). Clássica é a formulação: "méden ágan", "nada em excesso".

A deusa Nêmese, venerada por gregos e latinos, representava a justa medida na ordem divina e humana. Todos os que ousassem ultrapassar a própria medida (chamada de *hybris* = autoafirmação arrogante) eram imediatamente fulminados por Nêmese.

Assim os campeões olímpicos que, semelhante aos dias atuais, se deixavam endeusar pelos fãs ou os filósofos e os artistas que permitiam a excessiva exaltação de suas vidas e obras.

A Bíblia hebraico-cristã funda a medida justa no reconhecimento do limite intransponível entre Criador e criatura. A criatura jamais será como Deus. Essa era a pretensão de nossos ancestrós no paraíso terrenal. Imaginavam que o conseguiriam, caso comessem do fruto proibido. Comeram dele, ultrapassaram o limite imposto, não viraram Deus e foram expulsos do paraíso. Pecado é recusar o limite, é

não reconhecer a condição de criatura. Apesar da expulsão, permaneceu o imperativo da justa medida na forma do "cultivar e guardar" o jardim do *Eden*, vale dizer, de viver a ética do cuidado. Por detrás de "cultivar", ressoa sempre "culto" e "cultura" que sinalizam o trato respeitoso da Terra (culto). E por detrás de "guardar", o aproveitamento sustentável de seus recursos para atender necessidades humanas e não para fins de acumulação. Na linguagem bíblica, ser "imagem e semelhança de Deus" significa ser o representante e o lugar-tenente de Deus no meio da criação. Como tal, deve prolongar o ato criador divino, criando, também, com a mesma benevolência com que Deus criou toda as coisas ("e viu que tudo era bom"). O efeito final das intervenções, sob a justa medida, é a cultura, como hominização e humanização da natureza. Aprendemos dos antigos como sanar a crise civilizacional: vivendo sem excesso, na justa medida e no cuidado essencial para com tudo o que nos cerca.

*Teólogo, escritor

Uns queriam um emprego melhor; outros, só um emprego.
Uns queriam uma refeição mais farta; outros, só uma refeição.
Uns queriam uma vida mais amena; outros, apenas viver.
Uns queriam pais mais esclarecidos; outros, ter pais.
Uns queriam ter olhos claros; outros, enxergar.
Uns queriam ter voz bonita; outros, falar.
Uns queriam silêncio; outros, ouvir.
Uns queriam sapato novo; outros, ter pés.
Uns queriam um carro; outros, andar.
Uns queriam o supérfluo; outros, apenas o necessário.

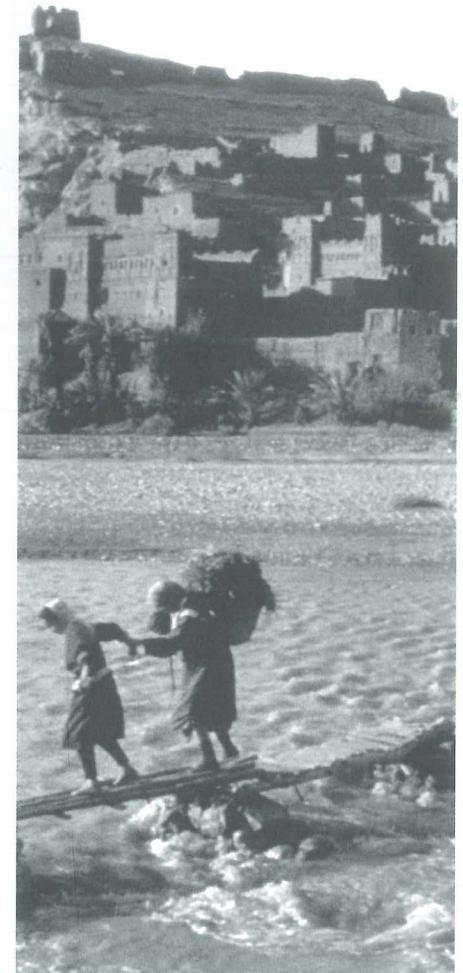
Fariseus Saduceus Zelotes Doutores Escribas

Na sociedade judaica do século I existiam vários movimentos religiosos. Entre eles, destacavam-se os saduceus, os fariseus e os zelotes.

O grupo dos **saduceus** era formado sobretudo por sacerdotes. Controlava diretamente o Templo e as suas finanças, uma das principais fontes de poder da Palestina. Para os saduceus, o que importava era o culto, as cerimônias bem celebradas, um espírito de adoração ritualista, sem muito compromisso com a realidade do povo pobre. Seguiam a Lei escrita (*Torá*) e não aceitavam a tradição oral, a crença na ressurreição e na instauração do Reino de Deus na terra.

Mesmo sendo judeus, gostavam de falar grego (língua estrangeira) e viajar para o exterior! Praticamente não há nenhuma relação entre a pregação de Jesus e a postura dos saduceus.

Um segundo movimento era o dos



fariseus. O nome deles teve diferentes interpretações: segundo alguns "fariseu" é "aquele que se mantém separado", segundo outros, "aquele que interpreta" (a Lei).

Mesmo sendo formado sobretudo por sacerdotes, o movimento dos fariseus proclamava-se leigo e

afirmava que todos, e não só os sacerdotes, eram chamados à santidade.

O ideal dos fariseus era a santidade. Para tornar-se santo era necessária a observância da Lei. Nela existiam 613 mandamentos a serem respeitados. Entre eles havia o mandamento de "amar o próximo", mas também o de "viver separado dos pecadores" e "evitar o povo de lábios impuros". Os pecadores e os impuros eram claramente os pobres, os camponeses que, preocupados com a sobrevivência, não tinham condição de respeitar os 613 preceitos. Portanto, a imagem que temos do fariseu é a "do puro e incondicional observador da Lei, separado do povo (Lv 20,26).

Os fariseus eram também nacionalistas e com as suas pregações e orações defendiam os movimentos de libertação da Palestina.

Sobretudo dentre dos fariseus, embora não exclusivamente, eram escolhidos os **escribas** ou **doutores da Lei**, encarregados de interpretar as Escrituras e tirar daí as regras de vida para a comunidade judaica.

Finalmente havia os **zelotes** ou "fervorosos". Este movimento unia o fervor religioso com o compromisso social. Segundo eles, os sacerdotes e os demais líderes religiosos estavam preocupados demais com o poder e não faziam nada para libertar a terra prometida da dominação dos romanos.

Os zelotes defendiam a guerra santa e pretendiam alcançar a libertação da Palestina através da violência. A luta deles visava combater os impostos que esmagavam o povo, a idolatria do Imperador romano que exigia ser adorado como um Deus, e a má distribuição da terra. A terra, na opinião do movimento, era propriedade de Javé e os romanos não tinham o direito de ocupá-la e exigir imposto dos camponeses.

Apesar de lutar pela justiça, os zelotes também tinham um forte preconceito em relação aos pobres. Como os fariseus e os saduceus, achavam que os pobres não tinham condições de seguir a Lei e que não eram úteis na luta de libertação.

Os saduceus eram os "ritualistas", os fariseus os "legalistas" e os zelotes os "revolucionários". Embora o movimento de Jesus questionasse a proposta religiosa destes três movimentos, ainda hoje, na nossa Igreja, existem pessoas que vivem a fé em Cristo como os saduceus: freqüentando missas e recebendo sacramentos mas desinteressando-se totalmente com a miséria e o sofrimento dos "pequeninos" de Deus; como os fariseus: respeitando todas as Leis da Igreja mas separados do povo e cheios de preconceitos em relação aos pobres e aos fiéis de outras religiões ou Igrejas; como os zelotes: idealizando a violência e desvalorizando a cultura e a religiosidade popular.

(Frades Franciscanos Jardim da Imaculada)

Uma fonte de conflitos no casamento O FATOR TEMPO

Deonira L. Viganó La Rosa*

Há muitos anos venho participando de reflexões com grupos de casais, seja de noivos reunidos para a preparação próxima ao casamento, seja de outros casais que buscam refletir sua convivência. Nesses encontros, que são muitos em cada ano, tem me chamado particularmente a atenção a freqüência com que os casais vêm colocando o fator *tempo* como uma das mais poderosas variáveis a interferir no seu relacionamento e a influenciar a qualidade e a organização da sua vida diária. Um elevado número de casais diz ter uma vida frenética e estressada, com dificuldade em ter intimidade e diálogo. Homens e mulheres têm a sensação de não ser capazes de administrar o tempo. Antes, sentem-se controlados por ele e têm uma forte impressão de que o tempo diminui.

Relógio, ritmo, calendário, tempo...

De muitas e sutis maneiras a *administração do tempo* obstaculiza a vida dos casais: Para uns, a luta se dá por causa das diferenças na velocidade em realizar as tarefas; outros vêm o nó da questão nas diferenças de horário para dormir e levantar, trabalhar e

fazer lazer; terceiros experimentam o quanto a presença e uso da tecnologia em casa rouba o tempo comum do casal; para alguns, o uso do tempo com a família de origem é motivo de desunião; tantos outros sentem o grau de exigência e de estresse do trabalho, relacionado à velocidade com que devem desenvolver tarefas; há ainda aqueles que viajam por causa do trabalho, ou moram em local diferente, provocando os desencontros dos tempos de cada um... Por outro lado, há cônjuges que passam muito tempo juntos, dando a impressão que são próximos um do outro, quando se fica sabendo que o horário é imposto a um dos parceiros contra sua própria vontade e por meio de ameaças do outro. Este último quesito mostra que os *significados* que os parceiros atribuem aos modelos de tempo são ainda mais importantes do que partilhar o tempo, do que as diferenças de horário. A maneira de o casal manter seus ritmos de vida revela relações de poder e de proximidade.

Pensar o tempo é um assunto de crucial importância para o casal
O uso que os parceiros fazem do tempo é um indicativo de

quais são os valores e as prioridades fundamentais para sua união. A era da informação tem colocado os casais na "trilha rápida". Eles são obrigados a produzir mais, ser mais, ter mais, saber mais, pensar mais, falar mais, relacionar-se mais - e fazer tudo isso o mais rapidamente possível. E a queixa : "Nunca temos tempo para -----" (conversar, sair de férias, caminhar, fazer exercício, ver um filme, visitar amigos, fazer sexo, freqüentar grupos de casais, passear de mãos dadas, brincar com os filhos, ...) é tão freqüente que parece ser a música do século XXI.

A intimidade do casal precisa de tempo para amadurecer

A intimidade do casal não pode ser forçada nem feita por encomenda. Ela precisa de tempo para amadurecer, de oportunidade para que imprevistos ocorram e

- O tempo desperdiçado ou a falta de tempo podem explicar o enfraquecimento das relações conjugais e familiares em algumas famílias?
- É possível repensar hábitos e rotinas e reorganizar o tempo na vida da gente? Será possível "forçar a barra" para recuperar tempos de lazer, de convivência, de visitas e bate-papo, da festa e do baile que não se curte há tanto tempo?
- Mais ainda: qual é o tempo que partilhamos com as pessoas carentes de apoio e companhia, que precisam de nós, do que temos, do que somos, do que sabemos?

Experimente e confirme:

De acordo com uma pesquisa de uma universidade inglesa, não importa em qual idioma as frases de uma provérbio estão, a única coisa importante é que a proverbia é útil para entender o mundo. O resultado pode ser uma tautologia que você pode anotar ler sem problema. Isto é porque nós não somos cada frase isolada, mas a frase é muito dada.

daqueles momentos não planejados e calmos que irão determinar as particularidades do relacionamento. O tempo é indispensável para que cada um se ajuste emocional, física e psiquicamente a todos os acontecimentos da vida. Toda vez que o casal abortar ritmos evolutivos naturais e queimar etapas, por não dispor de tempo, pagará caro pelos resultados.

Uma dica para casais

Desenhar um círculo e dividi-lo em partes que representem o tempo gasto nas atividades diárias. Muitos casais poderão ficar chocados ao visualizar a maneira como gastam o tempo.

Esse diagrama pode servir de motivação para que o casal faça parceria e lute para diminuir a velocidade no dia a dia e aumentar a conexão mútua.

*Terapeuta de Família. Mestre em Psicologia.



a foto

A foto da Agência AE correu mundo por registrar o impensável: um ex-operário faz o discurso de inauguração da Assembléia Geral das Nações Unidas de 2003, honra que cabe ao Brasil desde a fundação da ONU.

o fato

O presidente do Brasil serve-se dessa honraria para desafiar os países ricos a enfrentar o problema mais grave do mundo: a fome. Propõe a criação de um Fundo Global Contra a Fome, e entrega ao Secretário-Geral das Nações Unidas um cheque de US\$ 55 mil dólares, como ato simbólico, desafiando todos os governos e instituições a fazerem o mesmo em escala planetária.

a razão

A mais recente estatística das Nações Unidas confirma: 1 bilhão de crianças passam fome no mundo. Muitas morrerão e outras ficarão marcadas por toda a vida pela desnutrição na infância. É um escândalo. Desmascara a crueldade do modelo econômico que se impôs ao mundo. No Brasil, um terço da população vive na miséria e pelo menos 22 milhões de brasileiros passam fome, numa terra abençoada, grande produtora e exportadora de alimentos. Além da safra recorde de cereais de 2003, o Brasil passa a ser o maior exportador de carne do mundo. Por isso, vai-se implantando em nosso país o Fome Zero, que o Brasil quer ver imitado pelo resto do mundo.

É relativamente fácil comover-se pela sorte de miseráveis distantes e invisíveis. Mais fácil ainda se forem muitos, uma multidão sem rostos e sem nomes. Por isso, a caminhada para uma verdadeira opção pelos pobres supõe o contato pessoal.

Alguma forma de convivência habitual com os pobres mais pobres, nos lugares em que vivem e trabalham. É a única maneira de conhecer a miséria, seu cheiro, sua cor, seu visual, seu som, sua voz, o sotaque, a gramática, enfim, tudo o que escapa à limpeza elegante e fria dos quadros estatísticos e das complexas tabulações das pesquisas sociológicas.

É uma experiência sensorial indispensável para se passar do palavreado e da retórica estéril à ação concreta e eficaz. Porque é a condição para aprender-se a ver o mundo pela ótica dos mais pobres. Observar a sociedade, as relações e fenômenos sociais pela ótica dos excluídos é uma experiência surpreendente. E necessária para se perceber a injustiça presente nessa sociedade que nos cabe transformar.

Os contornos da realidade mudam radicalmente de sentido quando se muda o lugar de observação, o ponto de vista a partir do qual essa realidade é observada e interpretada. Vamos imaginar uma pequena história, bem realista, para ilustrar a questão das óticas diferentes com que os fatos são percebidos.

Severino

Helio Amorim*

Severino, pedreiro, acorda às quatro da manhã em seu barraco miserável que ele sonha melhorar quando puder comprar um milheiro de tijolos. Anda a pé um quilômetro para alcançar o ônibus apinhado que vai deixá-lo em jejum na estação do trem que, por sua vez, o levará ao centro da cidade onde comerá um pão seco e uma média de café-com-leite, para aguentar mais uma condução até a obra em que trabalha das sete às cinco.

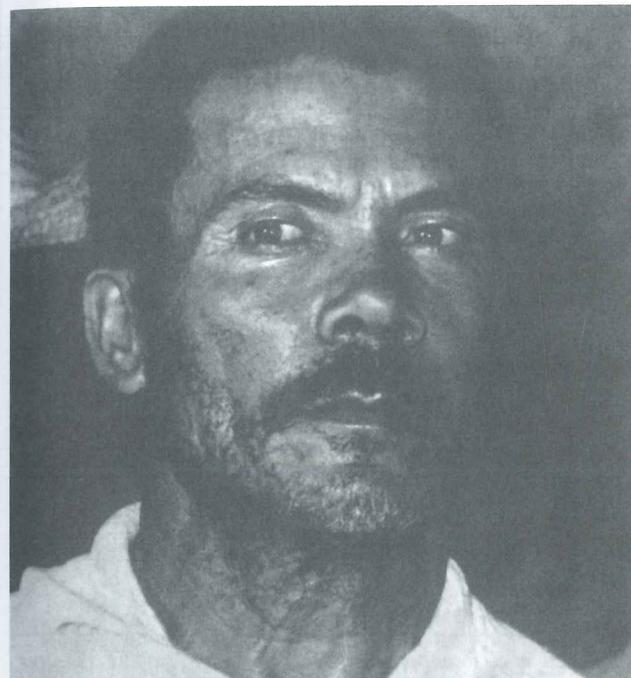
Ele está trabalhando na construção de uma casa confortável, bem diferente do seu barraco que precisa de um milheiro de tijolos para ser melhorado.

Às nove horas chega o proprietário para visitar as obras. Acordou às sete, tomou banho, café da manhã caprichado, uma leitura rápida de jornal porque quer passar na obra antes de ir para o trabalho. Avisou à secretaria que vai chegar um pouco atrasado, desce à garagem, pega o carro, o trânsito está bom, chegou. Os olhos revelam uma noite bem dormida.

Reclama com o mestre que o serviço está lento, pede mais qualidade e produtividade, palavras mágicas da modernidade, "porque já gastou um dinheirão e as obras não andam". Então avisa que resolveu aumentar a sala. Manda desmanchar duas paredes e crescer

a varanda. "Vamos perder mais de um milheiro de tijolos", previne o mestre, "fora a mão de obra". "Mas compensa", responde. "Minha mulher vai ficar satisfeita com a sala maior". Mais uma vez reclama da indolência do pessoal, pega o carro e desaparece na esquina.

Pela ótica do apressado senhor, gentilmente interessado em agradar a esposa, trata-se de uma pequena modificação que lhe dará um insignificante prejuízo perfeitamente suportável e compensador. Já esqueceu a breve intervenção e se volta então para os compromissos profissionais do dia que para ele só agora vai começar. Nem lhe passa pela cabeça que o privilégio de construir uma casa só é possível pelos baixos salários do Severino e dos seus companheiros.



Se tivesse que pagar o justo salário a todos os que devem trabalhar para que aquela casa exista, o seu custo seria muitas vezes maior, e ele não poderia mandar construí-la. Tampouco conseguiria entender que mandar derrubar algumas paredes e aumentar uma sala pudesse causar estranheza em alguém. Afinal não está pagando?

Para o espantado Severino, esse pequeno episódio tem um significado incrível e absurdo. Para que aumentar ainda mais essa sala imensa, onde caberia duas ou três vezes o barraco inteiro, a mulher e os filhos do Severino? E os três dias de trabalho jogados fora para construir aquelas paredes que ele mesmo vai agora desmanchar? Três dias de trabalho significam, para ele, três madrugadas de

andanças, ônibus, trem, pão e café-com-leite para aguentar o batente, três marmitas magras, trabalho duro até as cinco, três viagens de volta e noites de pouco sono, para produzir aquilo que agora um simples capricho manda destruir. E os mil tijolos perdidos que um dia ele espera conseguir para ajeitar o triste barraco?

Severino começa a compreender melhor a profunda injustiça que existe por trás dessas paredes que já está derrubando.

Eis um pequeno acontecimento com significados bem diferentes conforme a ótica de quem o observa e interpreta. Ora, a análise correta é, evidentemente, a do pobre. A outra está viciada na base, porque parte da tranquila aceitação de uma visão antievangélica do trabalho humano. O trabalho é visto como mercadoria que se compra mediante salários legais, segundo as leis do mercado, sem considerar o seu sujeito, o homem, imagem e semelhança de Deus. Sem levar em conta que os salários injustos, ainda que legais, configuram uma espoliação indecente que condena o trabalhador a uma vida indigna e desumanizada, como condição para a manutenção dos privilégios das classes dominantes.

Para aprender-se a ver os acontecimentos e interpretar a realidade social pela ótica do pobre, é preciso, portanto, conviver com ele, conhecer a sua família, ouvir dele suas queixas e esperanças, sua amargura e revolta contra as regras do jogo que os outros estabeleceram sem consultá-lo. Ver com os próprios olhos e analisar os

efeitos desastrosos da iniquidade social sobre pessoas e famílias concretas, com nome e rosto conhecidos, é condição para assumir, de modo consistente e consciente, o inconformismo frente aos mecanismos de desumanização, "que produzem ricos cada vez mais ricos, às custas de pobres, cada vez mais pobres".

Essa foi a prática de Jesus. Conviveu com os mais pobres, nos lugares em que viviam, sentindo o seu cheiro e ouvindo suas queixas, tocando-os e lhes dando atenção, participando das suas agruras e desalentos. E com isso, humanizando-os, fazendo-os recuperar a auto-estima e a esperança. Com essa experiência sensorial, em contato habitual com os excluídos da sociedade do seu tempo, Jesus pode melhor compreender a iniquidade e interpretar a realidade, condição para o anúncio do Reino de Deus, tal como o proclamou como uma boa notícia, ou evangelho, para os pobres. Que não era uma boa notícia para todos...

* Editor de Fato e Razão, do MFC

**Fique por dentro: leia e assine *Rede*
uma análise mensal da conjuntura política, econômica,
social e eclesial - nacional e internacional.**

Escrevem Andrea Paes Alberico, Beatriz Lorenzini, Frei Betto, Frei João Xerri, Guilherme Delgado, Helio Amorim, Jether Ramalho, João Whitaker Ferreira, Leonardo Boff, Lilia Azevedo, Marcelo Barros, Marco Antonio, Marieta Sampaio, Moema Miranda, Pastor Edson Almeida, Plínio Arruda Sampaio, Rubem Alves, Selma Amorim, Pe. Virgílio Uchoa.

Basta telefonar para a Rede de Cristãos das Classes Médias, dar nome e endereço e receber instruções sobre a forma mais cômoda de pagamento. Tel (0**24) 2242-6433

Frei Betto*

Guardar silêncio

Avanços outrora alcançados pela humanidade perdem-se por falta de uso e ausência de memória. Quem curte cozinha, bem o sabe. Minha avó fazia um delicioso Miss Guynt, abrasileirado para "missiguinte", bolo de quatorze camadas finas embebidas de conhaque e recheadas de goiabada em calda, na falta de cerejas utilizadas pelos britânicos antes de se fixarem na mina de Morro Velho, em Minas, onde ela aprendeu a receita.

Minha mãe tornou-se mestra na arte de fazer esse bolo que, quanto mais velho, melhor, e quanto mais fina a fatia, mais saborosa. Hoje, dos oito filhos, só dois dominam o seu preparo.

O gesto que não cria hábito não vira tradição. Por isso, já não sabemos a receita dos pães egípcios que levavam semanas para desidratar, e por isso eram os preferidos dos navegadores, nem dos anticicatrizantes medievais aplicados após a retirada de ventosas da pele.

Uma riqueza inestimável que

estamos perdendo é a do silêncio. Nossa sociedade é ruidosa nos mínimos detalhes. Malgrado o avanço da tecnologia, ainda não se inventaram liquidificadores e britadeiras silenciosos. Há muitas "falas" ao nosso redor. A publicidade de rua esgarça o nosso espírito. Daí ser um deleite para a alma caminhar por uma cidade desprovida de outdoors, como Praga. Como os olhos ficam descansados quando podem apreciar a natureza e a estética dos monumentos arquitetônicos! Como dá prazer fitar o mar que, como dizia Hélio Pellegrino, é o pão do espírito!

Há quem tema o silêncio e, ao entrar em casa, trata de ligar todos os aparelhos: telefone, TV, rádio etc. São pessoas incapazes de escutar o silêncio interior. Sentem dificuldade em "amar o próximo como a si mesmo". Quem não gosta de si tem resistência a gostar dos outros. E desconta neles o mal-estar íntimo. É no silêncio que posso descobrir um Outro que não sou eu e, no entanto, como salientou Tomás de Aquino, funda a minha verdadeira identidade.

A noivos que se preparam para o casamento, sempre pergunto: "Vocês são capazes de ficar juntos, em silêncio, sem saudades de uma tesoura de jardineiro?" Se o silêncio entre o casal pesa, suscita desconfianças e indagações tipo "o que você está pensando?" ou "por que está tão calado?", é sinal de que a relação não vai bem. Meus pais, aos 60 anos de casados, passavam horas, lado a lado, em silêncio. Ela bordando, ele lendo, na suavidade de quem aprendeu que a profundidade do sentimento dispensa palavras. Como a oração que agrada a Deus.

No litoral capixaba, saí de madrugada num barco com três pescadores. Fomos recolher redes em alto-mar. O que mais me impressionou foi o silêncio entre eles, como se temessem precipitar o despertar do dia. Mesmo na penumbra, um adivinhava a vontade e o gesto do outro.

Conheço o silêncio dos monges, embora os conventos atuais, encravados nas cidades, sejam em geral ruidosos. Nas exceções à regra, os religiosos comem em silêncio, caminham pelo claustro

sem que ninguém os interrompa, ficam horas na capela deixando-se inebriar pelo Mistério. Hoje, muitos praticam meditação em busca de silêncio. Querem mergulhar no próprio poço e beber da fonte de água viva.

As novas gerações já não aprendem a fechar os olhos para ver melhor. Sabem pouco das grandes tradições espirituais; curvam-se sem reverência; ajoelham-se sem orar; meditam sem contemplar; ignoram que a solidão é um exercício de solidariedade. Não escutam o Mistério, nem auscultam o Invisível. São cada vez mais raros os jovens que fazem a experiência de deixar Deus falar neles, assim como o amado desfruta da presença invisível e, no entanto, envolvente, da amada.

O silêncio é a matéria-prima do amor, ensinava José Carlos de Oliveira, um dos melhores cronistas da história deste país. Mas quem haverá de se lembrar dele se nem somos capazes de cultivar a vida interior?

* Frei Betto é escritor e autor, em parceria com Leonardo Boff, de "Mística e Espiritualidade" (Rocco), entre outros livros.

"O amor é a melhor música na partitura da vida. Sem ele você será um eterno desafinado no imenso coral da humanidade." (Roque Schneider)

"Há pessoas que nos falam e nem as escutamos; há pessoas que nos ferem e nem cicatrizes deixam; mas há pessoas que simplesmente aparecem em nossa vida e nos marcam para sempre." (Cecília Meireles)

POLEMICA ORDENAÇÃO DE MULHERES

Ao excomungar sete mulheres ordenadas irregularmente, o Vaticano reacendeu o debate sobre o papel feminino na Igreja Católica.

"Não vamos ceder e continuaremos a forçar o diálogo", disse à revista *Época* a católica alemã Gisela Forster. Além de Gisela, suas compatriotas Iris Müller, Ida Raming e Pia Brunner, as austríacas Christine Mayr-Lumetzberger e Adelinde Theresia Roitinger e a americana Angela White foram ordenadas à revelia do Vaticano em 29 de junho de 2003, pelo ex-padre Rômulo Braschi, argentino de 61 anos.

"Elas cometaram uma ofensa terrível, causaram discórdia e feriram a Igreja", disse o cardeal Joseph Ratzinger, prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé. Reivindicações das mulheres dentro da hierarquia católica são mais antigas que o movimento feminista. A tcheca Ludmila Javorova desafiou o Vaticano e foi ordenada em 1970, sensível ao pleito. Hoje Ludmila é



símbolo das ativistas. Os ventos liberais do Concílio Vaticano II, nos anos 60, fizeram com que muitos bispos incentivasse a participação das mulheres nas celebrações - ainda que lhes seja negado o direito de ministrar sacramentos. Para o Vaticano, apenas homens podem ser padres, porque Jesus só teria tido apóstolos varões.

O movimento *Mulheres Padres* deixa claro que a idéia não é promover um cisma na Igreja. "Respeitamos a autoridade do papa, mas ele comete um erro ao excluir as mulheres da ordenação", diz o site www.womenpriests.org.

Excomunhões são reservadas para desobediências graves.

"O Vaticano não consegue rever suas regras. Tem a mulher como elemento desestabilizador, o que

não ocorre em outras religiões. Isso é ranhetice de conservadores", crava a socióloga e escritora Rose Marie Muraro.

Outras militantes, embora não compartilhem de táticas tão radicais, também criticaram o castigo. "A excomunhão diz muito sobre a

Igreja. Nenhum bispo foi excomungado ou punido de modo exemplar por pedofilia ou abuso de poder", declarou a americana Frances Kissling, presidente da CPDD.

(Extraído de reportagem de Luciana Vicária para a revista Época)

- O que pensam os cristãos católicos dessa regra da Igreja? Em que se baseia essa norma de somente serem ordenados homens?
- Outras igrejas cristãs ordenam mulheres: é possível prever que a Igreja Católica no futuro admita a ordenação de mulheres?

Aparições ou visões?

É comum, na vida da Igreja, a referência a aparições de Nossa Senhora. Na verdade, a Igreja jamais confirmou nem sugere que se creia em tais aparições. O que ocorre são visões. Há pessoas suscetíveis de visualizar o que elaboram em suas mentes. São capazes de "ver" parentes falecidos ou, sendo pessoas religiosas, a imagem que fazem de Maria ou de algum santo. Por isso, não estariam mentindo ao afirmar que viram o que "viram". Mas não é real a presença, senão na mente da pessoa "vidente".

É claro que, em alguns casos, alguma visão possa ter sido uma farsa. Geralmente não é. De fato, o vidente "viu". Mas o que "viu" não estava presente.

Assim, não tem sentido a correria para os lugares das "aparições" de Maria, logo cooptadas pelas empresas de turismo e hotéis da cidade. Maria pode muito bem ser venerada por seu nome próprio em nossas casas, como exemplo de mulher simples, corajosa e fiel a seu filho, participando da sua missão, presente nos momentos de dor junto à cruz e na alegria da ressurreição.

Mulher do povo, certamente de feições parecidas com as mulheres da atual Palestina, bem diferente da fantástica multiplicidade e diversidade de imagens físicas que dela se fazem em forma de "nossas senhoras", uma para cada gosto.

O que mais espanta é a grande devoção de uma pessoa religiosa, por exemplo, a Nossa Senhora de Fátima - mas que não tem qualquer sentimento em relação a Nossa Senhora de Lourdes ou do Perpétuo Socorro. Irá a Portugal pagar uma promessa porque a ela é devedora, e não às outras concorrentes. Sem o saber, está mais próxima da idolatria que da devoção à mãe de Jesus.

Um caso exemplar para confirmar estas duvidosas aparições: Maria jamais pediria a reza do rosário a um vidente, como ele anunciou, porque a sua modéstia não permitiria. Como imaginar Maria pedindo que seja exaltada como "bendita entre as mulheres", com dezenas de Ave-Marias todos os dias? Essa oração deve certamente agradar a Maria, mas ela jamais pediria para ser exaltada, assim como um aniversariante modesto gostaria de receber mas não pediria parabéns aos amigos.

Que tal venerar a verdadeira Maria e deixar de lado as nossas senhoras criadas por videntes, pintores e escultores? (H. A.)

Amor essa invenção

Marcos Rolim*

A Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé acaba de atualizar as posições da Igreja Católica contra a homossexualidade. O texto assinado pelo Cardeal Ratzinger, afirma que "as leis que reconhecem as relações homossexuais são contrárias à reta razão porque asseguram garantias análogas ao matrimônio". A "profundidade" do raciocínio me fez lembrar que, na Idade Média, quando se perguntava por que o ópio adormecia, se dizia: "em virtude de suas propriedades dormitivas".

Segundo o Vaticano, as Escrituras condenam a homossexualidade. Por certo - descontadas as dúvidas sobre tradução - há passagens bíblicas assim. Em Levítico, por exemplo, o que se determina é a morte dos homossexuais. Aliás, segundo o mesmo livro, a morte deveria ser a resposta para os casos de adultério e bestialismo, os homens não poderiam aparar a barba e mulher que dormisse com o sogro deveria ser mandada com ele para a fogueira.

A pergunta, então, é: estão valendo essas regras? Certamente não. Elas dizem respeito a outra época, afastada de nós por mais de 2 mil

anos, é o que todos diriam. Mas, então, por que o texto valeria para a homossexualidade? Poderíamos lembrar Samuel (1:26), onde Davi diz a Jonatas: "Tua amizade me era mais maravilhosa do que o amor das mulheres. Tu me eras deliciosamente querido!" Ou Eclesiastes (4:11): "É melhor viverem juntos dois homens do que separados. Se os dois dormirem na mesma cama, se aquecerão melhor." Aquecer? No clima da Judéia? Seja como for e conforme se pode ver, as Escrituras não constituem "ciência exata" a não ser no sentido de que se pode tirar delas "exatamente" o que se quer.

Por fim, o documento ampara sua homofobia na idéia de que a homossexualidade é "contrária à natureza". Bem, os humanos inventaram os sentimentos apaixonados e não há nada de similar a eles no mundo natural. Ainda se pensarmos apenas nas relações heterossexuais, onde encontrar a natureza na disposição de acarinhá-la? Onde descobri-la em nossas fantasias? Haverá, por ventura, uma base natural para o beijo? Ora, se o argumento da "natureza" fosse levado a sério, não só seríamos incapazes de

compreender a sexualidade como transformaríamos as relações sexuais em uma chatice insuperável. A penicilina é "anti-natural", a democracia também, tanto quanto esta revista, o lugar onde o leitor está sentado, os objetos que lhe são próximos.

Nós, os humanos, criamos uma natureza-para-nós. Uma natureza húmana e histórica. O que há de mais generoso nela é o amor que

inventamos pelas pessoas. Assim, a Igreja não deveria se preocupar com as preferências dos que amam, por mais distintas que sejam as formas desse amor. Sua posição sobre a homossexualidade, infelizmente, termina ajudando aqueles que apreenderam a odiar. E os que odeiam, odeiam sempre do mesmo jeito.

*Jornalista

- Como nos sentimos ante o debate e novas posturas sobre o tema do homossexualismo? Quais as dificuldades que esse debate nos traz?*
- Conhecemos pessoas que manifestam essa tendência ou vivem esse comportamento? Como vemos essas pessoas?*
- Há uma atitude cristã indicada para entender a homossexualidade, uma realidade antiga sempre ocultada mas hoje revelada e assumida?*

Os jovens estão preparados para casar-se?*

A preparação para o casamento se dá ao longo da vida dos pretendentes, e acontece especialmente na família, em particular pela forma como se relaciona o casal entre si e com os filhos, desde a infância. Entretanto, os noivos têm testemunhado ser de grande proveito os encontros em preparação próxima ao matrimônio, que lhe são oferecidos por um grupo de casais voluntários e cristãos, juntamente com alguns sacerdotes, em paróquias, sedes de movimentos ou colégios, atendendo determinação da Igreja.

Nesses encontros, a troca de experiências e a reflexão conjunta, coordenadas com seriedade e o máximo possível de competência, colaboram para que os noivos façam uma consciente passagem da vida de solteiros para a vida de casados. Juntos, os casais descortinam as questões de ordem familiar, religiosa, psicológica, emocional, financeira e social que interferem na relação marital e descobrem, de forma participativa, como poderão administrá-las.

Os encontros são, ainda, uma oportunidade ímpar em que os noivos são chamados a perguntar-se se eles se consideram um casal cristão. São, também, convidados a fazer uma reflexão adulta sobre quem é Jesus Cristo e qual é sua mensagem essencial, qual é o significado do sacramento do matrimônio, quais as responsabilidades da família cristã, no âmbito privado e social.

Incentivem seus filhos para que participem desses encontros, de preferência bem antes de marcar o casamento.

* Movimento Familiar Cristão



Libertação

*Descobri de repente, Senhor,
a inutilidade de todas as
bagagens.*

Larguei-as à beira do caminho.

*Há tanto tempo as carregava
que não sentia mais o seu peso.*

*Elas se haviam colado à minha
pele,
faziam parte de mim mesma.*

*Ao deixá-las à beira do caminho
vi tua face ao perder
meu centro de gravidade;
as escamas me caíram dos olhos,
transformaram-se em pó
todos os condicionamentos
humanos.*

*Livre de mim,
livre de tudo o que carregava,
pude enfim abrir meus braços
e chorar diante daquele
que acabava de encontrar.*

Beatriz Reis

Tudo começou nas classes médias

Sylvio Guedes*

É irônico que a classe artística e a categoria dos jornalistas estejam agora na, por assim dizer, vanguarda da atual campanha contra a violência enfrentada pelo Rio de Janeiro.

Essa postura é produto do absoluto cinismo de muitas das pessoas e instituições que vemos participando de atos, fazendo declarações e defendendo o fim do poder paralelo dos chefões do tráfico de drogas.

Quando a cocaína começou a se infiltrar de fato no Rio de Janeiro, lá pelo fim da década de 70, entrou pela porta da frente. Pela classe média, pelas festinhas de embalo da Zona Sul, pelas danceterias, pelos barzinhos de Ipanema e Leblon. Invadiu e se instalou nas redações de jornais e nas emissoras de TV, sob o silêncio comprometedor de suas chefias e diretorias.

Quanto mais glamuroso o ambiente, quanto mais supostamente intelectualizado o grupo, mais você podia encontrar gente cheirando carreiras e carreiras de pó branco.

Em uma espúria relação de cumplicidade, imprensa e classe artística (que tanto se orgulham de serem, ambas, formadoras de opinião) de fato contribuíram enormemente para que o consumo das drogas, em especial da cocaína, se disseminasse no seio da sociedade carioca - e brasileira, por extensão. Achavam o máximo; era, como se costumava dizer, um barato. Festa sem cocaína era festa careta.

As pessoas curtiam a comodidade proporcionada pelos fornecedores: entregavam a droga em casa, sem a necessidade de inconvenientes viagens ao decaído mundo dos morros, vizinhos aos edifícios ricos do asfalto.

Nem é preciso detalhar como essa simples relação econômica de mercado terminou. Onde há demanda, deve haver a necessária oferta. E assim, com tanta gente endinheirada disposta e cheirar ou injetar sua dose diária de cocaína, os pés-de-chinelo das favelas viraram barões das drogas.

Há farta literatura mostrando como as conexões dos meliantes rastaquera, que só fumavam um baseado aqui e acolá, se tornaram senhores de um império, tomaram de assalto a mais linda cidade do país e agora cortam cabeças de quem ousa lhes cruzar o caminho e as exibem em bandejas, certos da impunidade.

Qualquer mentecapto sabe que não pode persistir um sistema jurídico em que é proibida e reprimida a produção e venda da droga, porém seu consumo é, digamos assim,

tolerado. São doentes os que consomem. Não sabem o que fazem. Não têm controle sobre seus atos. Destroem famílias, arrasam lares, destroçam futuros.

Que a mídia, os artistas e os intelectuais que tanto se drogaram nas duas últimas décadas venham a público assumir: eu ajudei a destruir o Rio de Janeiro. Façam um adesivo e preguem no vidro de seus Audis, BMWs e Mercedes.

* Editor-chefe do Jornal de Brasília.



"Quando a cocaína começou a se infiltrar de fato no Rio de Janeiro, lá pelo fim da década de 70, entrou pela porta da frente. Pela classe média, pelas festinhas de embalo da Zona Sul, pelas danceterias, pelos barzinhos de Ipanema e Leblon".

de um homem novo

Pe. Paulo Roberto Gomes msc.

1

Um ser humano orante. Oração entendida não como pedir coisas a Deus, querer informá-lo sobre minha situação, forçar Deus a realizar meus desejos, ou com a recitação de textos, mas como um colocar-se no colo de Deus em abandono, entrega, confiança, generosidade e disponibilidade. Oração como diálogo ao escutar a vontade de Deus. Oração como encontro em que eu me deixo transformar. Oração como atitude de louvor e adoração, gratidão pela gratuitude e pelo amor incondicional de Deus. Oração pessoal e comunitária vivida como uma atitude de escuta atenta da palavra de Deus, como discípulo, e como participação ativa na intimidade com o Senhor na Eucaristia. Oração para dizer minha verdade diante de Deus, para ouvir Deus dizer sua verdade diante de mim e me converter.

2

Um ser humano com relações de qualidade. A qualidade de vida depende da qualidade das relações. Atingir esta qualidade requer tempo,

investimento, diálogo. Requer que vivamos a essência humana de ser comunhão e comunicação. Levam-nos à abertura ao outro, à partilha do ter e do ser, constrói redes de solidariedade. Expressa-se no companheirismo e na amizade. Constrói a família, a comunidade e a sociedade. Expressa-se em gestos de carinho e ternura. Como Cristo, traduz-se no "princípio da misericórdia", como atitude reativa diante das injustiças, preconceitos e exclusão. Abre-se, como círculos concêntricos, da relação interpessoal para a familiar, da familiar para a comunitária, da comunitária para a societária. Lança raízes no Deus Trino, perfeita comunidade, donde brota a energia para alimentar a esperança, reconhecer a dignidade da vida e defender o meio ambiente. O ser humano novo tem relações novas com os outros e o Cosmo. Não deseja dominar, controlar ou possuir nada ou ninguém. Sabe administrar sua vida com responsabilidade. Usa de tudo, vendo que tudo é bom, sem deixar-se escravizar ou dominar por nada nem ninguém. Jamais usa ou manipula o outro, reconhecendo-o diferente de si, respeitando e acolhendo sua alteridade. Vive a lógica evangélica do desapego, das podas e perdas necessárias para o

crescimento. Vive a ética do cuidado de si, dos outros (especialmente dos pobres e sofredores) e do nosso planeta. Sabe que amar tem um preço. Por isso não fica lamentando os infortúnios e dificuldades da vida, mas, de cabeça erguida e sustentado por Deus, enfrenta as adversidades. Carrega a cruz, nunca querida por Deus, mas imposta pelo mundo ferido pelo pecado.

3

Um ser humano voltado para o Reino. Este foi e é o projeto de Jesus para uma sociedade nova e um estilo de vida. Por isso o ser humano novo sabe cultivar os valores do Reino. Volta-se não só para a assistência aos deserdados deste mundo mas busca promovê-los ao mesmo tempo em que trabalha em vista de mudanças estruturais da sociedade. Sabe seguir na lógica contrária da sociedade, da história e da cultura, pois a lógica de Deus é bem diferente da lógica do poder, do dinheiro e do mercado. Percebe que sua ação, se é evangélica, santifica e transforma a política, o social, o religioso e a cultura.

4

Um ser humano simples, alegre, bem-humorado e em processo constante de amadurecimento, integração e humanização. Empenha-se em viver de forma descomplicada, a ser melhor a cada dia sem querer ser mais ou melhor que ninguém. Vive a dança da vida com alegria, bem-humorado e entusiasmado, revelando Deus dentro de si. Deseja e trabalha para amadurecimento/humanização sua, dos demais e da sociedade. Busca ser alguém em constante processo de integração de sua afetividade e sexualidade como dom e dádiva. Sabe-se em crescimento, acolhendo a si e aos outros com suas imperfeições e falhas, por isso é paciente, tolerante e compreensivo. Acolhendo suas limitações e pecados, comprehende ser maior a Graça e o perdão divino celebrados alegremente no Sacramento da Reconciliação. Nutre e alimenta sua fé, seu amor, suas amizades, seu projeto de vida n'Aquele que jamais falha em sua fidelidade. Saboreia a vida e vive intensamente. Ama estar com as pessoas e estar na presença de Deus. Sabe perdoar, porque se sente perdoado. Torna-se uma testemunha, um Evangelho Vivo, uma existência eucarística para os seus e os demais.

"A vida só pode ser compreendida olhando-se para trás; mas só pode ser vivida olhando-se para a frente." (Soren Kierkegaard)

"Comece fazendo o que é necessário, depois o que é possível, e de repente você estará fazendo o impossível." (São Francisco de Assis)

Ética e formação de valores

Leonardo Boff*

A má qualidade geral de vida e a crescente violência em todos os níveis derivam, em grande parte, de uma vasta crise de valores atingindo os fundamentos da ética. Os mapas conhecidos não orientam mais, e a bússola perdeu seu Norte.

Duas fontes da moral orientaram as sociedades até hoje: as religiões e a razão. As religiões continuam sendo os nichos de valor privilegiados para a maioria da humanidade. A razão, desde que irrompeu em todas as culturas mundiais no século VI a.C. no assim chamado tempo do eixo (Jaspers), tentou estatuir códigos éticos universalmente válidos. Esses dois paradigmas não ficam invalidados pela crise, mas precisam ser enriquecidos, se quisermos estar à altura das intimidações que nos vêm da realidade hoje globalizada.

A crise cria a oportunidade de irmos às raízes da ética e descermos àquela instância donde se gestam, continuamente, valores. A ética deve nascer da base última da existência humana. Esta não reside na razão como sempre pretendeu o Ocidente. A razão não é nem o primeiro nem o último momento da existência. Por isso não explica tudo nem abarca tudo. Ela se abre para baixo de onde emerge de algo mais elementar e ancestral: a afetividade. Abre-se para cima, para o espírito que é o momento em que a consciência se sente parte de um todo, e que culmina na contemplação. Portanto, a experiência de base não é "penso logo existo", mas "sinto, logo existo". Na raiz de tudo não está a razão (*Logos*), mas a paixão (*Pathos*). David Goleman diria, no fundamento de tudo, está a inteligência emocional. Afeto, emoção, numa palavra, paixão é um sentir profundo. É entrar em comunhão, sem distância, com tudo o que nos cerca. Pela paixão captamos o valor das coisas. E o valor é o caráter precioso dos seres, aquilo que os torna dignos de ser e os faz apetecíveis. Só quando nos apaixonamos, vivemos valores. E é por valores que nos movemos e somos.

À deriva dos gregos, chamamos essa paixão de Eros, de amor. O mito arcaico diz tudo: "Eros, o deus do amor, ergueu-se para criar a terra. Antes, tudo era silêncio, nu e imóvel. Agora tudo é vida, alegria,

movimento". Agora tudo é precioso, tudo tem valor, por causa do amor e da paixão.

Mas, a paixão é habitada por um demônio. Deixada por si mesma, pode degenerar em formas de gozo destruidor. Todos os valores valem, mas nem todos valem para todas as circunstâncias. A paixão é um caudal fantástico de energia que, como águas de um rio, precisa de margens, de limites e da justa medida para não ser avassaladora. É aqui que entra a função insubstituível da razão. É próprio da razão ver claro e ordenar, disciplinar e definir a direção da paixão.

Eis que surge uma dialética dramática entre paixão e razão. Se a razão reprimir a paixão, triunfa a rigidez, a tirania da ordem e a ética utilitária. Se a paixão dispensar a razão vigora o delírio das pulsões e a ética hedonista, do puro prazer. Mas, se vigorar a justa medida, e a paixão se servir da razão para um auto-desenvolvimento regrado, então emergem as duas forças que sustentam uma ética humanitária: a ternura e o vigor. A ternura é o cuidado com o outro, o gesto amoroso que protege. O vigor é a contenção sem a dominação, a direção sem a intolerância.

Aqui se funda uma ética, capaz de incluir a todos na família humana. Essa ética se estrutura ao redor dos valores fundamentais ligados à vida, ao seu cuidado, ao trabalho, às relações cooperativas e à cultura da não-violência e da paz.

*Leonardo Boff é teólogo e filósofo, professor emérito de ética da UERJ e autor de *Ethos mundial, um consenso mínimo entre os humanos*, Sextante, Rio 2003

□ *Para refletir e conversar: A paixão como arrebatamento da afetividade não dispensa a razão. Como nos parece que se dá essa relação para o auto-desenvolvimento regrado da pessoa, que leva a paixão a se manifestar em ternura e vigor?*

Elogio do poeta.

Levaram Mário Quintana pela orla do Rio de Janeiro, os jardins do Aterro, as praias... até entrar no primeiro túnel. Ali ele disse: "*O Rio precisa de túneis pra gente descansar da beleza*".

Resposta de Deus ao Pai Nossa

Meu filho,
que estás na terra,
preocupado, solitário, desorientado.
Eu conheço perfeitamente teu nome
e o pronuncio santificando-o
porque te amo.

Não. Não estás só, mas habitado por mim
e juntos construiremos este Reino,
do qual tu vais ser herdeiro.

Gosto que faças minha vontade,
porque minha vontade é que tu sejas feliz.
Conta sempre comigo e terás o pão para hoje.

Não te preocipes.

Só te peço que saibas compartilhá-lo com teus irmãos.

Sabes que perdôo todas tuas ofensas,
antes mesmo que as cometas,
por isso te peço que faças o mesmo
com os que a ti ofendem.

Para que não caias nunca na tentação,
toma forte a minha mão e eu te livrarei do mal.

Te amo desde sempre.

Teu Pai.

Assim seja!

Midis da Isadora

A entrevista com Gustavo Gutiérrez, o grande teólogo das origens da Teologia da Libertação, à Agência Adital é apresentada no final da série de *Reportagens sobre a Igreja da Libertação nos países andinos - Bolívia, Equador, Colômbia, Venezuela y Perú*, publicada por Adital, de 26 de Março a 23 de Abril de 2003, indicando as perspectivas que a Igreja da Libertação na América Latina oferece.

ENTREVISTA

Gustavo Gutierrez

Perspectivas da Igreja da Libertação

ADITAL - Os teólogos da libertação sistematizaram uma vivência que foi nascendo no meio popular da igreja. Você foi o primeiro a reconhecer e a escrever sobre a nova ação do Espírito na América Latina. Você recorda um fato concreto ou o momento em que sua atenção se voltou para as novidades que estavam nascendo dentro da igreja?

Gustavo Gutiérrez - É difícil falar de um fato singular. Trata-se da confluência de dois processos históricos.

Por um lado, através de pequenos passos que se foram acelerando com o passar dos anos, assistimos, nas décadas de 1950 e 1960, a uma nova presença dos pobres do continente na cena social e política. Os que haviam estado, de certo modo, "ausentes" de nossa história (fisicamente sempre haviam estado aí, mas estavam invisibilizados), começaram a fazer-se presentes. Chegavam, como dizia Bartolomé de las Casas sobre os índios, no século XVI, "com sua pobreza nas costas".

Por outro lado, com esta irrupção histórica do pobre, que não estava -

e que não está - a não ser em seus primeiros momentos, converge outro processo que se desenvolve dentro da igreja católica: o Concílio Vaticano II. O Concílio insistiu na intuição de João XXIII: estar atento aos signos dos tempos; abrindo, dessa forma, novas pistas para a vida cristã e para o anúncio do evangelho. Nessa linha, o Papa João falou, pouco antes do início do Concílio, da igreja dos pobres, encarregando-se da nova consciência que se tinha dessa condição desumana a que chamamos pobreza.

Esses dois processos, cujo alcance percebemos lentamente, levaram muitos cristãos, dos meios populares e de outros ambientes sociais a comprometer-se com os pobres e contra a pobreza, como uma exigência de sua fé, se aprofunda a pastoral em meios pobres, as comunidades cristãs nesses âmbitos são afiançadas, buscando pensar sua fé desde essa experiência. A Teologia da Libertação busca refletir sobre essa prática à luz da mensagem cristã.

Se tivéssemos que buscar um fato, como ponto de partida, seria a prática que mencionamos.

ADITAL - Qual é a motivação profunda dessa vivência teológico-pastoral que continua inspirando a tanta gente, apesar do modelo de igreja e de sociedade vigentes?

Gustavo Gutiérrez - Tenho a impressão que isto se deve a vários fatores. A um estreito contato com a realidade e com as mudanças inevitáveis que nela acontecem. É uma reflexão sobre a fé que não pretende colocar-se em um ângulo morto da história para vê-la passar, colocando-se em uma neutralidade cômoda diante dos acontecimentos que golpeiam as pessoas. Mas, busca _ com todas suas limitações e com o que ainda tem que fazer -, como o Verbo de Deus, segundo o evangelho de João, colocar sua tenda dentro da história, da vida cotidiana.

Um segundo elemento: isso significa que é uma teologia fortemente marcada pela leitura da Bíblia, que nos revela um Deus da vida que rejeita a situação de morte prematura e injusta, significação última da pobreza. Morte física, prematura e injusta, é o que vemos, claramente, no mundo de hoje; morte cultural, também, na medida em que se discrimina a alguém por razões culturais, raciais ou por sua condição feminina. Tudo isso é a pobreza na Bíblia e, por isso, apresenta-se desse modo, desde o início, na Teologia da Libertação. Nessa perspectiva, apesar da dimensão econômica ser muito importante, é apenas uma das dimensões. É importante perceber a

complexidade, ou, como dizem os economistas, a multidimensionalidade da pobreza.

Outros fatores contam muito: as opções feitas pela igreja latino-americana em Medellín, Puebla e Santo Domingo e também o testemunho - inclusive entregando sua própria vida - de numerosos cristãos, em seu esforço por reconhecer o rosto de Cristo no rosto dos maltratados e oprimidos.

ADITAL - Que seria mais urgente para que a Teologia e a Prática Pastoral da Libertação ajudem o mundo a encontrar soluções para problemas, tais como a fome, a guerra, o autoritarismo armado, etc?

Gustavo Gutiérrez - Denunciar tudo o que atenta contra a dignidade da pessoa, especialmente, daqueles que sofrem, sistematicamente, situações de injustiça. O amor ao próximo é inseparável do amor de Deus.

Os problemas que vocês mencionam na pergunta são fatos históricos complexos, com aspectos que se movem em campos nos quais a reflexão teológica não tem uma competência especial. Porém, tem uma contribuição a dar. Ela pode fazer com que cresça o respeito pelos direitos humanos, bem como o rechaço que a sua violação (como a causada pela fome, pela guerra, pela tirania) deve provocar em uma pessoa que crer e em toda pessoa. Não se deve esquecer que a religião, o cristianismo inclusive, tem sido utilizada e continua sendo, para justificar essas situações. Estamos presenciando isso por ocasião da

invasão do Iraque, uma guerra _ com todos os sofrimentos que acarreta e com as consequências que poderão durar por anos - sem nenhuma justificativa, como anunciou, energicamente, o Papa João Paulo II.

Muitas vezes se pensa, e, em muitos casos, esta idéia tem-se arraigado em alguns setores populares, que a pobreza é algo assim como um fato natural, quase uma fatalidade. Um destino e não, como realmente é, uma condição criada por mãos humanas e, portanto, suscetível de ser mudada. Não há solução aos problemas mencionados, e a tantos outros semelhantes, se, juntamente com as imprescindíveis medidas de ordem social, político e legal, não mudarem a mentalidade para poder criar os caminhos que enfrentem as situações desumanas. A quantidade de cristãos que foram assassinados ou passaram por outras formas de maltrato e exclusão na América Latina, por serem solidários e por dar testemunho, prova que não falamos de abstrações.

ADITAL - A nova visão teológica que nasceu na América Latina poderia ser, também, um denominador comum para contribuir à unidade entre as culturas de nosso continente?

Gustavo Gutiérrez - Não sei se a expressão correta seria dizer que ela pode ser um denominador comum. Porém, o certo é que a grande maioria da população da América Latina vive em uma condição de marginalidade e insignificância social, ocasionada por causas distintas. É importante estar atento a essa diversidade e a

não reduzir a situação de conjunto a apenas um dos motivos que a produzem; além disso, em muitos casos, as causas se acumulam nas mesmas pessoas.

É legítimo e enriquecedor acentuar uma dimensão que consideramos pouco valorizada, porém seria grave que se fizesse em detrimento de outros aspectos da situação de insignificância, com o risco de criar uma oposição, no fundo absurda, entre os que partilham uma condição de pobreza e marginalização. Este é o ponto chave na perspectiva da Teologia da Libertação.

ADITAL - A partir da Teologia da Libertação nasceram outras teologias, tais como: a Teologia Afro, Índia, da Mulher, favorecendo a inculturação. Como a reflexão teológica pode contribuir para fortalecer a articulação destes diferentes setores da sociedade?

Gustavo Gutiérrez - Creio que esse é um dos fatos mais importantes na reflexão teológica que se faz entre nós. Essas teologias são uma expressão do processo em curso que denominamos de irrupção do pobre. O aprofundamento das diversas vertentes da situação de marginalização e de exclusão permite vislumbrar a crueldade das situações em que vivem tantos habitantes deste continente, e, ao mesmo tempo, reforça a percepção de que a pobreza não é unicamente carência; os pobres são seres humanos com valores humanos e culturais e podem contribuir muito no processo de libertação, para uma convivência social humana e justa e à inteligência da fé.

As diferentes linhas teológicas mencionadas na pergunta sublinham uma diversidade enriquecedora para todos; elas estão em pleno processo, realizando um trabalho sumamente valioso e tem muito pela frente. Parece-me que sim, a Teologia pode exercer um papel na articulação que se alude; porém essa articulação requer uma boa análise social e histórica que permita ver, em toda sua crueza, os desafios comuns que enfrentamos.

ADITAL - Quais são os temas que a realidade latino-americana coloca ao fazer teológico, hoje? Quais dentre estes temas você está trabalhando prioritariamente?

Gustavo Gutiérrez - Quiçá, o primeiro que convém dizer é que a pobreza, com a complexidade que se falou, não é somente um problema social, o que é importante para os que sentem uma vocação especial neste campo. Trata-se de uma questão humana que se constitui em uma interpelação à consciência cristã, por isso é um desafio à reflexão teológica.

A Teologia está a serviço da vida cristã, do seguimento de Jesus, que chamamos espiritualidade, e a serviço da tarefa eclesial do anúncio do evangelho. Esta é sua razão de

ser, é uma reflexão que vem depois da prática do cristão, com vistas a contribuir à sua fidelidade ao testemunho e ao ensinamento de Jesus, que nos faz caminhar por duas grandes vias, sem as quais não há vida cristã autêntica: a contemplativa ou mística e a profética ou do compromisso na história. A Teologia da Libertação vem de uma pergunta: como dizer ao pobre _ e a toda pessoa - que Deus o ama, quando suas condições de vida parecem contradizer esse amor que a Bíblia considera, inclusive, dirigido a eles, em primeiro lugar.

Atualmente, estou tentando retomar os fundamentos bíblicos da opção preferencial pelo pobre - que constitui o centro mesmo da Teologia da Libertação - para considerar o que esta perspectiva tem a dizer diante dos desafios que se apresentam hoje, como a globalização, por exemplo. Se nos inspiramos em um texto do Antigo Testamento, penso que é importante perguntar-se por onde dormirão os pobres no século que acaba de começar. A Teologia é uma hermenêutica, uma interpretação da esperança, dos motivos que temos para esperar. Por isso está estreitamente ligada a como viver hoje a mensagem de Jesus.

- Como nos situamos ante a opção da pelos pobres proclamada pela Igreja nas Conferências Episcopais Latino-Americanas de Medellín (1968), Puebla (1979) e Santo Domingo (1992)?
- Como se apresenta hoje, no Brasil e no mundo, o problema da pobreza?

Quando a gente é criança, tem algumas coisas que não entram na cabeça de jeito nenhum.

ESPIRITUALIDADE E LIBERDADE

Eu me lembro, por exemplo, que, por mais que a professora se esforçasse e desse exemplos e explicasse, eu não conseguia apreender direito a diferença entre substantivos abstratos e concretos. E ela dizia: "Abstrato é aquilo que a gente não pode tocar"; e eu retrucava: "Então vento é abstrato"; e ela: "Não, porque vento a gente sente"; e eu, mais uma vez, com a fantástica sensibilidade de criança: "Então alegria é concreto, porque a gente sente também". É, criança não está muito afeita a essas diferenças entre concretos e abstratos...

Existem conceitos que, por mais que se escondam na aura da abstração, são concretos em sua essência, pois definem-se pela concretização daquilo que representam. Assim é a alegria, o prazer, o rancor, o ódio. Assim é o amor. Já imaginou amor sem objeto? Quem ama, ama alguma coisa (nem seja a si mesmo,

num amor egoísta). Amor é abstrato só no mundo dos gramáticos. Pra quem é amante, amor é mais do que concreto.

Da mesma forma é a liberdade. Não há como imaginar liberdade sem visualizar os grilhões ruindo, as cadeias se rompendo, as amarras sendo desfeitas. Liberdade é um conceito eivado de sentimentos concretos, práticos, de gente de carne e osso. Liberdade é a vivência de quem não conhece limites em sua realidade particular. Por isso um prisioneiro pode achar que tem liberdade no limite dos 12m² de sua cela, mas basta uma janela que dê para o mundo lá fora e ele se sentirá preso.

É neste sentido radical de liberdade, de rompimento das barreiras, que Jesus apresenta o instrumento de mudança da condição humana: "e conhecereis a Verdade, e a Verdade vos libertará" (Jo 8.32). A verdade nada mais é que o próprio Cristo, "o Caminho, a Verdade e a Vida" (Jo 14.6). Na pessoa e na vida de Jesus Cristo encontramos a experiência real da liberdade. É em Cristo que verificamos o paradigma da liberdade humana.

Todo ministério de Jesus caminha no sentido de libertar o homem. O seu próprio nascimento já traz em si um significado ímpar. Enquanto a Judéia padece sob o jugo de Roma, enquanto os judeus padecem ante a ganância dos sacerdotes, enquanto o povo padece sob a opressão das leis e códigos religiosos do judaísmo, Jesus nasce sob a égide da libertação. Este é o cerne da

mensagem messiânica: o Libertador vem para nos livrar das tiranias do mundo. E por isso identificaram em Jesus um líder político revolucionário: de Suas palavras brotavam o sentimento e a percepção de que o homem não precisa estar sob nenhuma canga ou jugo pesados. Ao contrário, Jesus apresentava uma opção aos cansados e sobreexarcados: o jugo suave e o fardo leve da vida no Reino de Deus (Mt 11:30).

O curioso é que se escuta muito falar nas Igrejas sobre liberdade, mas a liberdade dos gramáticos. Aquela que fica enfileirada na série de exemplos de substantivos abstratos e que é decorada entre muitos outros para o dia da prova (como eu fiz tantas vezes). A verdadeira liberdade que Jesus propõe é fruto de uma experiência radical com Ele. Só uma experiência radical com Cristo pode levar à compreensão radical da liberdade.

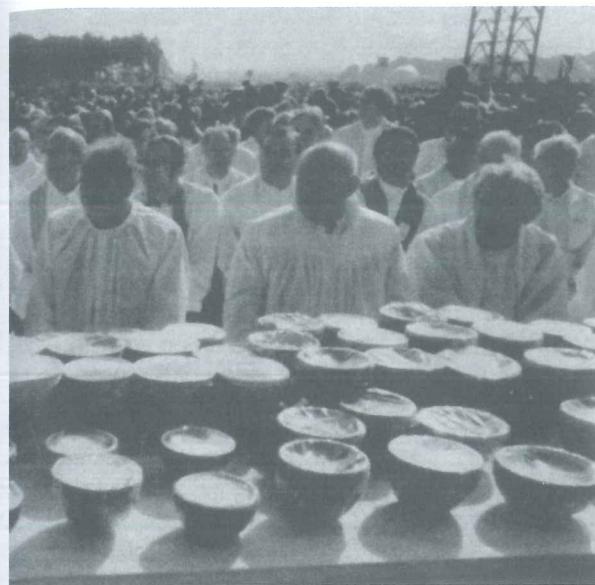
Um exemplo disto é o jovem rico que se aproxima de Jesus (Mc 10:17-22). Talvez tenha enfrentado o preconceito de seus amigos por travar contato com um movimento popular e distante das elites, mas não foi o suficiente para afastá-lo da idéia de salvar-se. Por isso pode-se entender claramente a angústia e apreensão de sua pergunta: "O que devo fazer para ser salvo?" Ele se enquadrava em todos os modelos estabelecidos pela Lei e atendia a todos os seus requisitos, sem perceber que na maioria das vezes os sistemas religiosos e os códigos morais só servem para aprisionar o homem, ao invés de libertá-lo. Jesus

Cristo, porém, quer ensinar a ele - e a nós - que a verdadeira liberdade é fruto de uma opção radical pelo Reino de Deus. Jesus não queria torná-lo um mendicante, mas sim mostrar ao jovem que na radicalidade de sua atitude estava a libertação de suas prisões individuais.

A nova forma de espiritualidade proposta por Jesus aponta nesta direção. Quando conversa com Seus discípulos a respeito da ansiedade natural e inherente ao ser humano, Cristo apresenta um exemplo do que tentava explicar: os lírios do campo e as aves do céu (Lc 12:22-34). A dependência direta do Pai dos Céus era o que os libertava das preocupações do dia-a-dia. Assim deveria ser também com os discípulos: compreender que estar diante de Deus nos faz livres das limitações humanas.

Mas esta espiritualidade, que resulta na expressão concreta da liberdade do Reino de Deus, não é irresponsável. Nós, cidadãos do Reino, somos libertos para servir. É servindo ao próximo, na dependência do Santo Senhor, que temos a certeza de que não haverá homem sendo senhor sobre outro homem. Esta é a proposta prática da liberdade do Reino de Deus: o fim da opressão humana, seja ela política, religiosa ou moral.

Isto nos faz pensar numa coisa curiosa. Nossas Igrejas têm insistido em que os seus fiéis devem buscar uma vida de constante espiritualidade. Os jovens são chamados, a todo momento, a



reverem suas posições em prol de uma atitude mais "espiritual". Mas que espiritualidade é essa? Uma experiência religiosa que nos veda os olhos e nos impede de enxergar o mundo ao redor? Com certeza esta forma de ver o problema vai contra o modelo de espiritualidade de Jesus Cristo.

Quando ser espiritual é apenas pensar na Igreja o tempo todo, isolar-se da convivência com os amigos do "mundo", cercar-se de cuidados para enquadrar-se no padrão pré-estabelecido de santidade, então alguma coisa está errada. Esta forma fundamentalista de se encarar a espiritualidade leva a um fenômeno freqüente em nossas comunidades: quem chega a um patamar elevado desta religiosidade acha-se em condições de julgar os outros por si mesmo, taxar de pecador aquele que é diferente e estabelecer limites na

convivência e expressão do próximo. Isto tem vários nomes: discriminação, intolerância, coerção, todos sinônimos da ausência de liberdade. Certamente este não é o projeto de Jesus.

A espiritualidade de Jesus resulta em liberdade e não em coerção ou intolerância. Esta é a percepção que tem a mulher samaritana quando recebe as palavras do Mestre (Jo 4:1-30). Jesus Cristo apresenta

a proposta de espiritualidade do Reino: não há local específico para adoração, nem em Samaria e nem em Jerusalém - consequentemente, a verdadeira adoração não permite o preconceito mútuo entre samaritanos e judeus. Jesus não olha o fato de a mulher ser samaritana, nem sua vida amorosa conturbada, Ele apenas enxerga nela a possibilidade de ter uma experiência com o Messias. Sua oferta ia muito além da água retirada do poço, Sua oferta era uma "fonte a jorrar para a vida eterna". Ao contrário dos discípulos que se perguntam: "por que Jesus dá trela a esta mulher?", Cristo se aproxima com liberdade suficiente para pedir um gole d'água. Esta é a espiritualidade de Jesus: permitir ao ser humano que seja verdadeiramente livre.

Quem quer viver a verdadeira expressão da espiritualidade

apresentada por Jesus Cristo precisa compreender a sua relação com a liberdade. Ser espiritual e cercear a liberdade do outro são atitudes que não combinam. Isso foi mostrado por Jesus no Seu encontro com a mulher adúltera (Jo 8:1-11). Ela vivia presa nos grilhões do estigma da sociedade judaica, acorrentada pela marginalização hipócrita promovida pelos mesmos que dela se utilizavam quando sentiam desejo, enclausurada no seu mundo próprio. Quando Jesus convida os "sem-peccado" a atirar a primeira pedra, Ele promove a libertação daquela mulher, pois a coloca no mesmo patamar daqueles que a acusaram. Agora, sim, ela está livre para viver. Agora, sim, ela está pronta pra ouvir: "Vai e não peques mais".

Não é difícil vivenciar esta espiritualidade, basta tirarmos o centro de nós mesmos. O Evangelho de Jesus Cristo aponta sempre para o próximo, para quem está ao lado, para o outro. Quando o ego perde o sentido, o outro toma o centro. Assim, na festa do Reino de Deus, a gente se alegra com a alegria do companheiro e festeja a vitória do irmão, muito mais do que nossa própria alegria e vitória. É isto o que Cristo quer dizer quando resume os mandamentos em amar a Deus e amar ao próximo: significa tirar a referência de si mesmo e colocá-la no outro e em Deus, o

- *Há expressões pobres e expressões ricas da espiritualidade humana, independentemente de fé ou religião. Por exemplo?*
- *Quais seriam as expressões mais preciosas da espiritualidade cristã?*

Totalmente Outro (no dizer do teólogo Karl Barth).

Se essa compreensão do próximo como fundamento do Reino de Deus for vivida por todos nós, então teremos compreendido o que é uma liberdade que resulta em prática. Quando alguém é senhor e outros são servos, alguns trabalham enquanto um é servido. Quando alguém se julga o único correto e o paradigma de vida cristã, torna-se impossível ouvir o outro, que é diferente. Esta atitude intolerante, infelizmente, é o que temos visto em muitas de nossas comunidades.

Mas a proposta de Jesus Cristo continua viva e firme. Vivenciar Sua espiritualidade é sair do conforto da contemplação e descer do monte para enfrentar a realidade (Lc 9:28-37). Ser espiritual, na conceção de Jesus, é ser livre - livre para servir. E essa liberdade precisa fugir do palavrório infrutífero e tornar-se visível, experimentável, concreta.

Com tudo isso, na verdade, eu percebo que continuo parecido com o que era em criança: ainda confundo os abstratos e os concretos. Mas, ao contrário dos adultos pretensamente esclarecidos, não me importo nem um pouquinho: afinal de contas, é às crianças que pertence o Reino de Deus.

fabioramospr@yahoo.com.br

ROUBARAM DUAS LETRAS De S

Pe. Zezinho

A presença de Deus no mundo anda ameaçada. Vi há tempos, escrita no muro de uma loja, uma brincadeira de mau gosto. Onde se lia: "Vendem-se sapatos", alguém apagou as letras iniciais e, de longe, o que era indicação de uma loja de sapatos transformou-se em uma casa de patos.

Descaracterizaram a loja. Trabalho de moleques.

O que andam fazendo com Deus ultimamente é a mesma coisa. Preste atenção nos pregadores das mais diversas igrejas e no discurso de alguns políticos e apresentadores de televisão. Com enorme facilidade atribuem à vontade de Deus o que é vontade deles próprios.

Observe e analise o que eles dizem: "Deus quer, Deus me disse, Deus espera isso de vocês, Deus mandou dizer... Esta noite Deus me falou... Demos uma nova obra para Deus. Deus quer este templo! Se nos ajudarem estarão ajudando a Deus...".

O comediante acaba de contar a piada mais suja e diz que jura por Deus. Brinca-se com o nome dele em toda a parte. A moça

que acabou de posar nua para a revista fala que, graças a Deus, aquilo lhe abriu as portas e a edição da revista vendeu muito. O outro garante que ao aderir àquela igreja, ganhou de Deus uma loja, um carro e uma casa na praia, tudo porque pagou o dízimo para Deus.

A conclusão é óbvia, ou Deus mudou e já não faz mais questão de tudo aquilo que em milênios foi ensinando, ou cedeu às propostas fantásticas do marketing e anda ajudando quem dá mais para determinada igreja, ou para quem mais usa o nome dele. sem exigir nada mais do que o marketing. Ou ainda, o que parece o mais óbvio, tiraram o D e o S da palavra Deus e o que sobrou anda se fazendo de porta-voz dele. Nós, pregadores, precisamos tomar muito cuidado no uso que fazemos do nome de Deus, Sem o perceber, andamos suprimindo o D e o S. Tem "eu" demais na mídia.

Preste atenção em certos programas e conte quantas vezes o animador usa seu nome e a palavra eu... Também entre os religiosos. E ainda dizem que fazem aquilo para glorificar o Senhor... Será?

Não fique tão sério...

Implicância

Um padre do sul, cidade perto da fronteira, tinha uma forte implicância com os argentinos. Todo sermão terminava com alguma espinafração contra os vizinhos.

O cônsul reclamou ao bispo que chamou o padre e lhe deu ordem de parar com essas ofensas aos nossos irmãos argentinos.

O padre era obediente. Estava na quaresma. Prometeu o sacrifício de se calar.

No domingo de Ramos, lerá o longo trecho do evangelho em que é narrada a paixão de Jesus. Com todo o cuidado para não cair na tentação, leu a cena da última ceia.:

"Então, Jesus disse:

'...em verdade vos digo, que um de vós há de me trair'.

Judas perguntou:

'Señor, acaso soy yo?'

Emprego modesto

O eleitor foi pedir ao deputado um emprego para o filho.

"Tenho uma vaga de assessor com salário de 10 mil reais, está bom?" - ofereceu o eleito.

"É demais. Meu filho não é formado, não tem preparo para um emprego desse tamanho. O senhor não tem nada mais modesto?" - pediu o pai.

"Pode ser o de secretário, com salário de 5 mil, serve?" - ofereceu o deputado amigo.

"Ainda é demais. Meu filho é muito jovem, não foi muito estudioso, não está preparado e nem vai saber gastar tanto dinheiro. O senhor não tem uma vaga mais modesta, de uns mil reais?" - insiste o pai já aflito.

"Tenho. Mas para essa vaga precisa ter curso superior de direito, economia ou engenharia, falar bem inglês e espanhol".

("Casseta & Planeta" - citada em "Céu Azul")

Briga de galos

O homem da cidade quis apostar e pediu informação a um capiáu encostado na rinha:

"Qual é o galo bom?"

"O bom é o branquinho" - respondeu o capiáu.
Ele aposta no galo branco e começa a briga. O galo preto arrasa

com o branquinho com bicadas terríveis.

O homem fica chateado e reclama:

"Tu não falou que o bom era o branquinho?"

"O bom é o branquinho, mas o preto é que é o marvado".

("Casseta & Planeta" - citada em "Céu Azul")

Dizer a verdade

Um dia um carpinteiro buscava madeira cortando o galho de uma árvore ao lado de um rio e seu machado caiu dentro do rio.

O infeliz carpinteiro suplica a um Mago que lhe aparece e pergunta:

"Por que você está chorando?"

O carpinteiro responde que seu machado havia caído no rio e o Mago entra no rio do qual tira um machado de ouro e pergunta:

"É este seu machado?"

O nobre carpinteiro responde:
"Não, Mago, não é esse."

O Mago entra novamente no rio e desta vez tira um machado de prata.

"E este é seu?"

"Também não" responde o carpinteiro.

O Mago volta ao rio e tira um machado de madeira e pergunta:

"É este teu machado?"

"Sim", responde o carpinteiro.

O Mago estava contente com a sinceridade do carpinteiro e o mandou de volta pra casa dando-lhe os três machados de presente.

Outro dia, o carpinteiro e sua esposa estavam passeando nos campos quando ela tropeçou e caiu

no rio. O infeliz carpinteiro suplica ao Mago que aparece e pergunta:

"Por que você está chorando?"

O carpinteiro responde que sua esposa caiu no rio e imediatamente O Mago mergulha e tira a Luana Piovani do rio e pergunta:

"É esta sua esposa?"

"Sim, sim", responde o carpinteiro.

O Mago se enfurece:
"Mentiroso!!!", exclama.

E o carpinteiro rapidamente se explica:

"Me perdoe, foi um mal entendido. Se eu dissesse que não, então o senhor me tiraria a Ana Paula Arósio do rio. Depois, se eu dissesse que não era ela, o senhor tiraria minha mulher. E quando eu dissesse 'sim' então o senhor mandaria eu ficar com as três. Mas eu sou um humilde carpinteiro e não poderia manter as três. Só por isso eu disse 'sim' para a primeira delas".

O Mago o perdoou.

Moral da história: Os homens só mentem por causas nobres e com boas intenções...

Silêncio

Marido e mulher não se falam há uns três dias. Mas o homem marcou uma reunião muito cedo no escritório no dia seguinte. Precisa se levantar cedo. Resolve pedir à mulher para acordá-lo. Não quer falar com ela, para não dar o braço a torcer!! Prefere escrever um bilhete:

"Me acorda às 6 horas da manhã".

Deixa o bilhete no travesseiro dela. No outro dia, acorda às 9 horas. Tem um ataque de nervos. Dá a bronca:

"Por que você não me acordou?!"

Ela continua calada. Aponta o dedo para o travesseiro dele. Lá está o bilhete.

"São seis horas. Acorda!".

Testamento

O falecido era rico. O testamento só tinha uma frase:

"Deixo meus bens à minha irmã não a meu sobrinho jamais será paga a conta do médico nada ao enfermeiro".

O juiz não conseguiu entender. Faltava a pontuação. Chamou os interessados para descobrirem os últimos desejos do morto.

"Coloquem a pontuação e voltem aqui".

Veio a irmã:

"Deixo meus bens à minha irmã. Não a meu sobrinho. Jamais será paga a conta do médico. Nada ao enfermeiro".

Logo o sobrinho:

"Deixo meus bens à minha irmã? Não! A meu sobrinho. Jamais será paga a conta do médico. Nada ao enfermeiro".

Chegou o médico com a conta:

"Deixo meus bens à minha irmã? Não! A meu sobrinho? Jamais! Será

paga a conta do médico. Nada ao enfermeiro!"

Foi a vez do enfermeiro:

"Deixo meus bens à minha irmã? Não! A meu sobrinho? Jamais! Será paga a conta ao médico? Nada! Ao enfermeiro!"

Café da manhã

O hóspede do hotel faz o pedido ao garçom no café da manhã:

"Quero dois ovos fritos, um bem torrado quase preto e o outro cru. Duas torradas queimadas, uma manteiga dura saída do congelador capaz de quebrar a faca, e uma xícara de café frio".

O garçom fica confuso:

"O senhor me desculpe, mas esse pedido é impossível..."

"Como assim? Foi exatamente o que você me trouxe ontem!"

(*"Casseta & Planeta"* - citada em *"Céu Azul"*)

Emagrecer

A senhora gordinha foi ao médico para tentar emagrecer.

"O que faço, doutor?"

O médico orientou:

"Basta a senhora virar a cabeça para a direita, depois à esquerda. novamente à direita..."

"Quantas vezes, doutor?"

"Todas as vezes que lhe oferecerem comida"...

Machismo do nosso poeta maior: "*Nenhuma situação é tão complicada que uma mulher não a possa piorar*" - Tom Jobim, compositor (1927-1994).

A falência do sistema penitenciário dos Estados Unidos

Mais castigos... ...mais crimes

Nas últimas três décadas, os Estados Unidos foram assolados pela idéia fundamentalista de que a redução da criminalidade é diretamente proporcional à dureza das penas impostas aos criminosos. Um subproduto desse pensamento é a doutrina da "tolerância zero", copiada por vários países, inclusive o Brasil, segundo a qual cada mínimo delito deve ser punido antes que o seu praticante cometa um delito maior. Há evidências de sobra de que essa política não funciona e que o sistema penitenciário montado de acordo com ela, longe de reduzir os crimes e reabilitar os condenados, tornou-se uma das principais fontes da criminalidade. É o que demonstra a revista britânica *The Economist*.

Entre 1925 e 1973, a taxa de encarceramento nas prisões estaduais e federais manteve-se constante naquele país, em torno de 110 presos para cada grupo de 100 mil pessoas. No ano 2000, no entanto, esse índice já havia mais do que quadruplicado, para 478/100 mil. Se forem incluídos os números das prisões locais, a taxa pula para 700 presos por 100 mil, bem mais

mil. Se forem incluídos os números das prisões locais, a taxa pula para 700 presos por 100 mil, bem mais dos que os 102 no Canadá, 132 na

Inglaterra e no País de Gales. 85 na França e apenas 48 no Japão. Atualmente, há dois milhões de americanos atrás das grades ? população que muitos chamam de "o 51º Estado da União". Outros 4,5 milhões encontram-se em liberdade condicional ou estão com as penas suspensas.

O aumento do número de prisioneiros está parcialmente ligado ao crescimento dos crimes cometidos no país, mas também é resultado de uma determinada política, criada exatamente para ampliar o número de presos, particularmente ligados ao negócio das drogas. Desde os anos 1980, leis foram aprovadas tanto para limitar o poder dos juízes de abrandar as sentenças como o dos conselhos penais de conceder livramentos condicionais. Em 10 anos após 1986, a média das sentenças em prisões federais cresceu de 39 para 54 meses.

Os Estados Unidos gastam US\$ 50 bilhões por ano para manter seu

sistema penitenciário. Avaliando-se o "custo-benefício" do sistema, muitos acham que ele é positivo, pois a taxa de criminalidade caiu nos últimos anos, embora esteja voltando a crescer. Porém, The Economist cita dados que desmentem esse otimismo. A revista diz que a diminuição de crimes teve muito mais a ver com os movimentos demográficos (houve uma queda relativa no crescimento da população e, portanto, menos pessoas que pudessem se transformar em bandidos) e com mudanças no policiamento do que com a política de endurecimento das penas. O Estado do Texas, por exemplo, que prende 1.000 pessoas em cada grupo de 100 mil, continua tendo muito mais crimes do que Nova Iorque, onde o número de presos cresceu muito mais lentamente. Além disso, quando se olha as estatísticas dos crimes relacionados com o consumo de drogas e dos crimes violentos, as duas pragas que as penas mais duras supostamente deveriam conter, percebe-se que o sistema falhou dramaticamente. Na verdade, o consumo de drogas é cada vez mais amplo e índice de homicídios agora é quase quatro vezes maior do que nos países da União Europeia.

Piores do que isso são as constatações, primeira, de que em vez de reabilitar os presos, as cadeias americanas tornaram-se criatórios de criminosos. Como afirmou The Economist, fontes de terríveis doenças, tanto médicas (como a Aids) como sociais (como a Irmandade Ariana, um grupo

neonazista), que se espalham pela sociedade. O índice de homicídio dos Estados Unidos é de cinco a sete vezes mais alto do que na maioria dos países industrializados.

A segunda constatação é que os ex-detentos quase nunca têm a chance de se reintegrar à sociedade honestamente, pois são vítimas de uma duríssima discriminação. Cerca de 13 milhões de americanos -- 7% da população adulta e 12% da



população masculina -- já foram condenados por algum crime sério. Nem todos foram para a cadeia, mas, legalmente falando, são considerados criminosos. E isso faz uma grande diferença quando vão procurar um emprego. Tão grande que The Economist diz que o sistema penitenciário americano parece ter sido construído para garantir que os prisioneiros continuem sendo criminosos.

Em geral, o ex-detento sai da penitenciária com uma mão na frente e outra atrás, isto é, com uma muda de roupa, dez dólares e uma passagem só de ida de trem ou ônibus. Essa pessoa está marcada por um estigma, que literalmente a impede de ganhar a vida. No Estado de Illinois, por exemplo, um ex-presos condenado por um crime grave está proibido de exercer 57 profissões, incluindo a de manicure e a de barbeiro. Em vários Estados, aqueles que não são aceitos de volta ao lar pelos parentes também não podem ocupar abrigos públicos. Como três quartos dos detentos que deixam a cadeia são usuários de drogas e um em cada cinco tem problemas mentais, pode se imaginar o drama que o sujeito enfrenta quando deixa o aconchego

da penitenciária, onde pelo menos têm casa, comida e roupa lavada.

Sem meios de sobrevivência, a reincidência no crime é o caminho natural da maioria dos ex-detentos. Dois terços deles voltam para a cadeia em três anos. E um em cada quatro comete crimes violentos.

Além de perder o direito ao trabalho, os ex-condenados por crimes graves perdem também o direito de votar. Atualmente, 4,7 milhões de americanos, ou 2,3% dos eleitores, têm os direitos políticos cassados. São completos párias.

É essa política fracassada, de ampliar o número de presos e apertar as punições, que alguns estados brasileiros têm procurado copiar nos últimos anos. Aliás, com resultados muito semelhantes -- isto é, com a multiplicação dos bandidos. Enquanto a questão social não deixar de ser um caso para a polícia resolver, e o sistema não criar oportunidades para que as pessoas se emancipem economicamente, a verdade é que as taxas de criminalidade só tenderão a crescer, como demonstra o terrível exemplo dos Estados Unidos.

Prognóstico científico

No ano de 2001, no mundo todo gastou-se cinco vezes mais com implante de seios e com Viagra do que na investigação sobre o mal de Alzheimer... O que se pode prever é que em 30 anos, haverá um grande número de pessoas com seios enormes e ereções extraordinárias mas incapazes de lembrar para que ambos servem.

MÃE MÃE MÃE MÃE MÃE

Uma mulher foi renovar a sua carta de habilitação. Pediram-lhe para informar qual era a sua profissão. Ela hesitou, sem saber bem como se classificar. "O que eu pergunto é se tem um trabalho", insistiu o funcionário. "Claro que tenho um trabalho", exclamou. "Sou mãe." "Nós não consideramos 'mãe' uma profissão. 'Do lar' dá para isso", disse o funcionário friamente. Não voltei a lembrar-me desta história até o dia em que me encontrei em situação idêntica. A pessoa que me atendeu era obviamente uma funcionária de carreira. Segura, eficiente, dona de um título sonante, do gênero 'oficial inquiridor'. "Qual é a sua ocupação?" perguntou. Não sei o que me fez dizer isto; as palavras simplesmente saltaram-me da boca para fora: "Sou Pesquisadora Associada no Campo do Desenvolvimento Infantil e das Relações Humanas." A funcionária fez uma pausa, a caneta de tinta permanente a apontar para o ar, e olhou-me como quem diz que não ouviu bem. Eu repeti pausadamente,

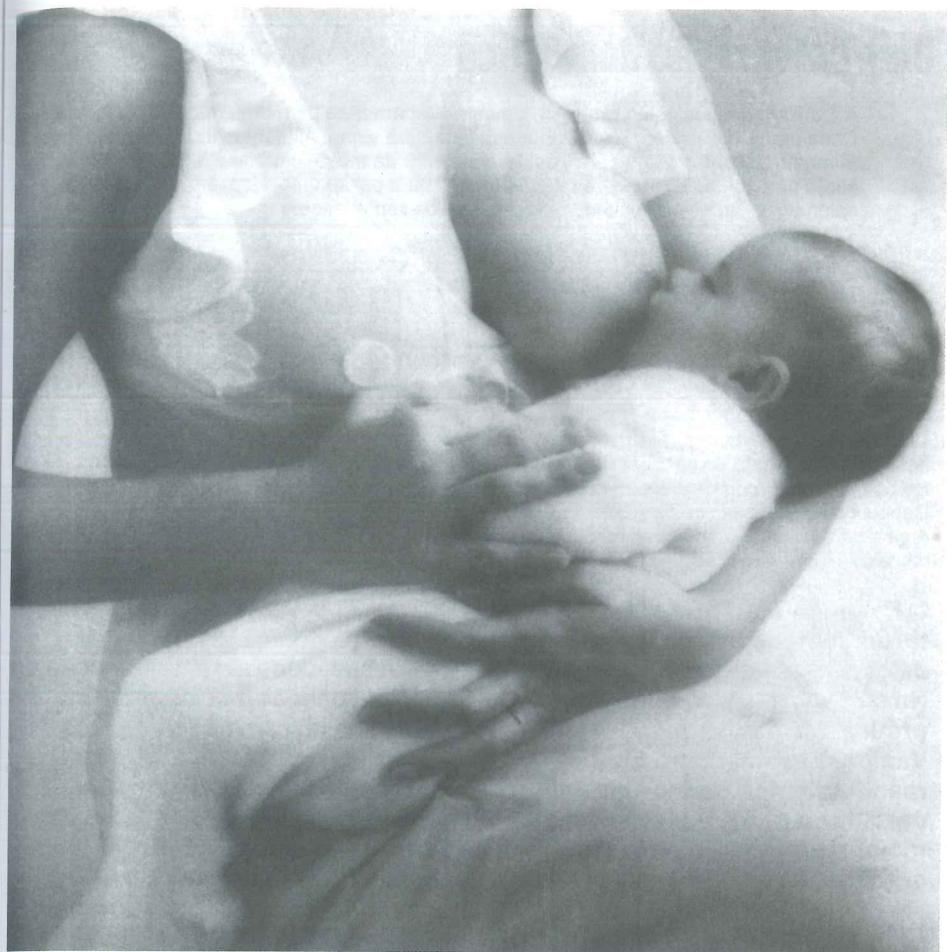
enfatizando as palavras mais significativas. Então reparei, maravilhada, como ela ia escrevendo, com tinta preta, no questionário oficial.

"Posso perguntar", disse-me ela com novo interesse, "o que faz exatamente nesse campo?"

Calmamente, sem qualquer traço de agitação na voz, ouvi-me responder:

"Tenho um programa permanente de pesquisa (qualquer mãe o tem), em laboratório e ao ar livre (normalmente eu teria dito dentro e fora de casa). Trabalho para os meus mestres (toda a família), e já passei por quatro provas (todas meninas). Claro que o trabalho é um dos mais exigentes da área das humanidades (alguma mulher discorda?) e freqüentemente trabalho 14 horas por dia (para não dizer 24...).

Houve um crescente tom de respeito na voz da funcionária que acabou de preencher o formulário, se levantou e, pessoalmente, me abriu a porta. Quando cheguei em casa, com o troféu da minha nova carreira erguido, fui cumprimentada pelas minhas assistentes de laboratório - de 13, 7 e 3 anos. No andar de cima, pude ouvir a minha nova modelo experimental (uma bebê



de seis meses) do programa de desenvolvimento infantil, testando uma nova tonalidade da voz.

Senti-me triunfante! Tinha conseguido derrotar a burocracia! E fiquei no registo do departamento oficial como alguém mais diferenciado e indispensável à humanidade do que "uma simples mãe"! Maternidade... Que carreira

gloriosa! Especialmente quando se tem um título na porta. As avós deviam ser: "Associada Sênior de Pesquisa no Terreno para o Desenvolvimento Infantil e de Relações Humanas". E as bisavós: "Executiva-Associada Sênior de Pesquisa". E acho que as tias podiam ser "Assistentes Associadas de Pesquisa"...

Uma celebração doméstica

A família e amigos estão reunidos à mesa. Preparam-se para uma refeição ou lanche. Cada um tem seu prato e uma pequena taça para vinho. Alimentos frios já estão na mesa. Alimentos quentes ficam para depois. No centro da mesa, um pão e a jarra de vinho, que serão partilhados. O pai ou a mãe de família ou a pessoa mais idosa ©, presidirá a celebração, antes do início da refeição. Outros serão leitores (L)

A Mesa da Partilha

Leituras

Jesus é reconhecido ao partilhar o pão:
No caminho de Emaús: Lc 24, 28-35.
Depois da pesca farta: Jo 21, 8-14.
A partilha na vida das primeiras comunidades cristãs: At 2, 42-47.

© Estamos aqui reunidos, em torno da nossa mesa, para celebrar a memória de Jesus de Nazaré, do seu ser, sua vida, sua prática.

Vamos fazer tal como Ele nos mandou, antes de morrer: partilhar o pão e o vinho, em sua memória, como os primeiros cristãos faziam em suas casas.

L1 - Jesus gostava de comer e beber com seus amigos, a ponto de ser chamado de comilão e beberrão. Mas convidava para sua mesa todos os que eram desprezados pela sociedade do seu tempo. Por isso era também criticado. Um absurdo comer com publicanos e pecadores, pessoas de má fama.

L2 - Assim, a mesa em que se partilha o pão e o vinho entre todos se tornou o símbolo central do movimento que ele liderou e ao qual aderimos dois milênios depois. Símbolo mais central do que a cruz, que foi um acidente cruel.

L3 - O anúncio do Reino, centro da pregação de Jesus, é o anúncio de uma ordem social igualitária, justa e fraterna, na qual o pão é partilhado entre todos para que ninguém seja atormentado pela fome.

L4 - Jesus, depois da ressurreição, só foi reconhecido pelos próprios discípulos no caminho de Emaús ou no episódio da pesca, ao preparar a refeição e partilhar com eles a comida, pães e peixes. A mesa da partilha é, portanto, o símbolo perfeito do anúncio do Reino.

L5 - O pão e o vinho representam os bens da natureza e o fruto do trabalho dos homens que devem ser repartidos entre todos. Jesus desafia todos os seus seguidores à partilha de seus bens, seu saber, seu tempo e tudo mais que se tem em abundância e falta aos outros. A colocar seus bens, dons e talentos a serviço do outro, como Ele o fez em sua vida.

© Mas no momento derradeiro, ao fazer da partilha o modo de celebrar a sua memória, Jesus foi mais longe. Deixou-nos o desafio da partilha mais radical, partilha



do próprio ser até à disposição ao sacrifício. Para que assim se produzam sinais do Reino. Para que aconteça a partilha dos dons da natureza e os frutos do trabalho dos homens. Assim, Ele disse, mostrando o pão e o vinho partilhados: "Isto é o meu corpo. Isto é o meu sangue. Façam isto em minha memória". Vamos repetir agora esse gesto de Jesus, partilhando este pão e este vinho entre todos, em sua memória.

Nesse momento, o pão é partilhado entre todos. Após todos comerem, também se partilha o vinho. Após todos tomarem o vinho, partilha-se a palavra: cada um dos presentes é convidado a exprimir, se o desejar, seus sentimentos sobre o que representa a Mesa da Partilha. Depois que expressaram seus sentimentos, dizem juntos, lentamente, a única oração que Jesus nos ensinou. Pai nosso. Então, a refeição é servida.

A Parábola do Mar da Galiléa e do Mar Morto

Na Terra Santa encontramos dois mares bem conhecidos. Embora alimentados pelo mesmo Rio Jordão, eles são, no entanto, totalmente distintos um do outro.

O Mar da Galiléa é de água doce e contém muitos peixes. Seu litoral é salpicado por cidades e belas aldeias. As colinas que rodeiam o mar são férteis e verdejantes.

O outro mar é o Mar Morto. É célebre pela sua densidade de sais minerais. Não tem peixes. Os vegetais não têm condições de vida. Seus arredores são desertos. Não existe área verde. O Mar Morto apresenta aspecto desolador.

**De onde vem esta diferença?
A explicação é simples e simbólica.**

O Mar da Galiléa recebe pelo norte as águas do Rio Jordão, com toda sua carga de vida e fertilidade. Porém não guarda para si esta fertilidade. As águas seguem seu curso para o sul. É um mar que recebe a água do Monte Hermon e das colinas de Golan. Riquíssimo em águas e em vegetação, o Mar da Galiléa não vive para si; reparte tudo aquilo que recebe de cima.

O Mar Morto é totalmente diferente. Recebe igualmente a água do Rio Jordão, mas retém esta água para si. Não possui saída. Enquanto as águas se evaporam, todos os sais minerais se acumulam no enorme recipiente fechado. A excessiva saturação é estéril, não permite vegetação alguma, não tem vida. É um mar que mata. É o Mar Morto.

Refletindo...

O que esta parábola pretende transmitir?

Padre Leandro Padilha

Existem igualmente duas classes de pessoas. Pessoas que nada guardam para si mesmas, nem seus dons, nem seus talentos. Colocam tudo à disposição dos outros. Tais pessoas são "vivificadoras". Seu calor humano, sua caridez, sua disponibilidade e o seu dom de partilhar com os outros irradiam ao redor delas confiança, alegria e vida. É gratificante colaborar com estas almas generosas. E tudo isto porque elas possuem a arte de nada conservar para si mesmas. Sabem partilhar os dons que o Senhor lhes concedeu.

Mas há pessoas totalmente diferentes. São aquelas que vivem mais para si mesmas. Acumulam, porém, somente para si. Sofrem de uma tríplice enfermidade: ambição, avidez e dominação. Ignoram sua enfermidade, porém a sofrem e fazem sofrer. E esta doença as leva à morte. Não se tornam simpáticas ou atraentes. Isolam-se. Não irradiam luz nem calor humano. Deterioram, pelo contrário o clima e o ambiente. Tudo o que é vida, desaparece ao redor delas. Formam, realmente ... um Mar Morto.

Compete, portanto, a cada pessoa se esforçar para se tornar um fecundo e enriquecedor Mar da Galiléa, rico em bondade, de caridez, de alegria, de paz e de fraternidade.

Somente assim o Senhor gostará de passear

ao longo de suas praias como o fez tantas vezes, para abençoar, frutificar, ensinar, curar, e chamar novos apóstolos.

E, ainda assim, o Senhor acalmará a tempestade que pode ocorrer. Andará sobre as águas para sustentar nossa fraqueza e pouca fé, a nossa falta de fraternidade. Com ele e através dele seremos cada vez mais humanos e cristãos, sinais de fraternidade, do Reino de Deus já acontecido. E deixaremos de ser ou parecer um... Mar Morto.

Política combina com Ética?

Frei Betto, OP*

A moral tem implicações políticas e econômicas. Na Idade Média, a Igreja condenava os juros. Hoje, se tal censura perdurasse, nenhum católico poderia ser banqueiro ou agiota. Mas, por ironia do destino, o próprio Vaticano possui o Banco do Espírito Santo...

A ética protestante sempre recomendou a seus fiéis afínco no trabalho e modéstia nos gastos, incentivando a poupança. Alguns autores acreditam que tal ética foi decisiva para enriquecer países de forte tradição protestante, como a Alemanha, a Suíça e os EUA.

No capitalismo, a moral predominante na sociedade é ambígua e contraditória, pois o valor maior para o sistema é a acumulação do capital. Assim, na "moral" desse sistema, a propriedade privada é um valor acima da existência humana.

Para a doutrina da Igreja, se um homem tem fome, ele tem o direito de fazer uso da propriedade alheia. "Maior e mais divino é o bem do povo que o bem particular", lembra São Tomás de Aquino (*De Regimine Principum* - 'Sobre o governo dos príncipes' 1, I Cap. 9).

A lógica do capital destrói os valores morais e corrói a ética. O mesmo comerciante que chama a polícia para o garoto que lhe furtou a lata de sardinhas aumenta os preços de modo exorbitante e sonega o fisco.

Foi feita uma pesquisa nos EUA para saber em que fase da vida uma pessoa consome mais. Verificou-se que é quando ela casa. Um casamento sempre desencadeia consumo, das alianças à nova casa, passando pela roupa dos convidados aos presentes. Resultado, "façamos com que as pessoas se casem várias vezes". Não é de estranhar que as novelas considerem caretice a fidelidade e incentivem tanto a rotatividade conjugal.

Na política burguesa, a luta pelo poder faz com que o fim justifique os meios. Porém, a história demonstra que o meio utilizado influiu no caráter do fim a ser obtido.

Muito se discute, ao longo dos tempos, sobre a ligação entre moral e política. Há quem defenda que a política deve ser autônoma ou independente em relação à moral. Tal proposta é atribuída ao famoso politicólogo italiano Maquiavel (1469-1527). Daí por que se chama



Maquiavel sugeriu aos poderosos o princípio de que "o fim justifica os meios",

de maquiavélica toda atitude política que ignora os preceitos morais. De fato, foi Maquiavel quem sugeriu aos poderosos o princípio de que "o fim justifica os meios", em seu famoso livro *O Príncipe*.

O grande desafio da política libertadora é basear-se na ética. Não se pode construir o homem e a mulher novos usando métodos velhos. Quando se lança mão de mentiras, de difamações, de

- Quais são (exemplos) e como vão os princípios éticos que nos ensinaram?
- Temos percebido desvios éticos grandes, médios, pequenos? Na política, na sociedade, na escola, no trabalho, nas famílias? Exemplos.
- Há diferenças essenciais entre grandes golpes e pequenas espertezas do cotidiano?
- A transmissão de valores éticos aos filhos tem sido fácil ou ficou mais difícil? Explicar.

Frases sem autor conhecido

"A única pessoa livre, realmente livre, é a que não tem medo do ridículo".
"A imaginação é mais importante que o conhecimento".
"O cara só é sinceramente ateu quando está muito bem de saúde".

trambiques para ganhar o que se deseja, de fato se está perpetuando a velha sociedade opressora em nome de ideais libertários. Isso é o que o Evangelho chama de colocar vinho novo em odres velhos.

A ética enraíza-se no coração humano. Não é só uma questão de comportamento político. Ela só adquire força quando se encarna na vivência pessoal. O opressor age movido por interesses; o libertador, por princípios. Assim, jamais um militante da justiça pode aceitar desviar verbas, fraudar processos eleitorais, mentir para o povo ou fazer uso do que é coletivo para benefício pessoal. "Aquele que é fiel nas pequenas coisas", adverte Jesus, "é também fiel nas grandes, e aquele que é injusto no pouco, também o é no muito" (Lucas 16, 10-12).

* Frei Betto, dominicano, é escritor, autor, em parceria com Luís Fernando Veríssimo e outros, de *O Desafio Ético* (Garamond), entre outros livros.

Por sua importância, simplicidade didática e oportunidade, este estudo deve ser saboreado e digerido por todos os que trabalham com grupos ou comunidades, nos movimentos populares e eclesiais.

A dinâmica dos grupos

Deonira L. Viganó La Rosa*

I - INTEGRAÇÃO GRUPAL E NECESSIDADES BÁSICAS

Todos sabemos quanto é importante a *integração* entre os membros de um grupo para que ele seja criativo. O que, talvez, não nos temos dado conta é quanto a integração grupal depende da satisfação de certas *necessidades fundamentais* dos participantes.

De que necessidades falamos?

Três são as necessidades identificadas como básicas nos participantes de um grupo. São as necessidades de :
(a) *inclusão ou pertença*;
(b) *controle ou participação no processo decisório*;
(c) *afeto*.

Estas necessidades do ser humano são consideradas *básicas* porque todo ser humano as

experimenta, ainda que em graus diferentes; e *interpessoais* porque só podem ser satisfatoriamente satisfeitas em grupo e pelo grupo.

Todo grupo que responda a estas necessidades de seus membros terá chance de obter um *alto grau de integração* entre eles.

Como se expressam essas necessidades básicas e interpessoais?

(a) Necessidade de inclusão ou pertença : Quando um membro entra em um grupo, experimenta a necessidade de *perceber-se e sentir-se aceito e integrado totalmente por aqueles aos quais se une*. E para comprová-lo, busca provas de que não será ignorado nem isolado ou rechaçado por aqueles a quem percebe como preferidos pelo grupo. É a expressão de seu desejo de não sentir-se marginalizado pelo grupo. É o sentido de pertença ao grupo.

(b) Necessidade de controle:

O componente de um grupo necessita definir para si mesmo suas próprias responsabilidades na estrutura e no funcionamento do grupo e também as de cada um dos outros que o constituem.

Todo membro de um grupo deseja e sente necessidade de que a dinâmica do grupo não escape totalmente de seu controle. Observa e busca contestar perguntas como: Quem controla este grupo? As responsabilidades são compartilhadas? Que parte me cabe na tomada de decisões?

(c) Necessidade de afeto :

Toda pessoa que entra em um grupo quer obter provas de ser totalmente valorizada por esse grupo. Necessita saber que suas intervenções serão ouvidas com interesse e reconhecidas como válidas e importantes. É seu secreto desejo de sentir-se insubstituível nesse grupo.

II - GRUPOS E COMUNICAÇÃO

E como um participante comunica ao grupo as suas necessidades básicas?

Os instrumentos utilizados para a comunicação nos grupos são a linguagem oral ou verbal e a comunicação não verbal.

(a) Comunicação oral ou verbal :

é o instrumento mais

frequente e preferido por ser o mais conhecido.

(b) Comunicação não verbal:

Os gestos, expressões faciais, posturas, silêncios e ausências em determinadas circunstâncias pertencem à comunicação não verbal e são carregados de mensagens para os outros.

Que importância têm as duas linguagens nos grupos?

A comunicação humana que pretende ser meramente verbal corre o risco de tornar-se intelectualizada. Por outro lado, a comunicação que pretende dissociar-se de todo recurso à linguagem verbal, dificilmente será inteligível ao outro. Somente uma comunicação que seja verbal e não verbal ao mesmo tempo tem condições de ser adequada.

Às vezes não há sintonia entre as duas linguagens no mesmo indivíduo. A integração funcional e orgânica destes dois modos de expressão do eu, choca-se, sobretudo no plano não verbal, contra tabus e proibições coletivas ou contra resistências emotivas cuja origem é geralmente a personalidade profunda do indivíduo em questão. Essa integração das duas linguagens não pode ser nunca considerada totalmente adquirida. Exige questionamentos contínuos e uma capacidade jamais atrofiada de aprendizagem, de

flexibilidade, de autonomia e uma grande liberdade interior.

Dependendo do ambiente em que se socializou o coordenador de um grupo ou outro de seus membros pode tornar-se exclusivamente sensibilizado para a comunicação verbal a ponto de não captar ou captar mal as mensagens não verbais que lhe são dirigidas nas dinâmicas grupais.

É saudável identificar e analisar o que está subjacente a eventuais dissociações entre a linguagem verbal e a emocional, nos diferentes membros de um grupo?

Para a análise e solução dos conflitos grupais, é fundamental identificar as dissociações entre as linguagens verbais e emocionais. É possível que algum membro do grupo, ao estar verbalmente defendendo alguma idéia ou determinado ponto de vista, na verdade esteja, veladamente, querendo transmitir a mensagem de que é ele quem vai dar a última palavra, porque ele é quem sabe, ou, ele é quem toma as decisões naquele grupo. Sem essa percepção, desvelamento e análise por parte do grupo e/ou do coordenador, os conflitos voltarão a se manifestar e a perturbar o grupo.

Comunicação não verbal e desempenho de papéis

Uma importante expressão não verbal que é necessário aprender a ler nos grupos é a **função dos papéis que assumem os diferentes participantes de um grupo**. Assumir papéis é um fenômeno inevitável e até desejável.

Que papéis podem assumir os componentes de um grupo?

Nas primeiras fases da formação de um grupo, os membros têm a tendência a assumir papéis individuais, para a satisfação de necessidades pessoais. É a necessidade irresistível de firmar-se como indivíduos. Nesse sentido, alguns podem cumprir papéis de exibicionista, de opositor irredutível, de criança, ou de retardatário crônico. Outros se comprazem em monologar ou detalhar sua autobiografia. Esse fenômeno pode tardar-se até o momento em que os membros se sintam totalmente aceitos como indivíduos. À medida em que a coesão ou integração dos membros do grupo aumenta, estes papéis individuais são substituídos por novos papéis de solidariedade. O principal é o papel de mediador que consiste em dar provas de lealdade a cada um em momentos de conflitos entre os membros. Nesse estágio, o membro do grupo abandona a tendência de autoprotetor-se e age em função do crescimento do grupo, evitando levá-lo à regredir à estágios anteriores, apenas colaborando para que o grupo amplie a espiral de sua reflexão.

Proximidade e distância nos grupos

Proximidade física: A proximidade física é fundamental. Colocar-se em forma de círculo, sem ser ao redor de uma mesa (que separa), é ponto extremamente positivo. Crachá com nomes em letras grandes e legíveis e todos sentados no mesmo nível, olho no olho, também somam. Entretanto, não é somente a *aproximação física* a que importa em um grupo. A comunicação humana não pode iniciar-se, nem estabelecer-se, enquanto permaneçam *distâncias psicológicas* entre os que querem entrar em comunicação.

Proximidade psicológica: A proximidade psicológica permite aos participantes de um grupo perceber quais são os momentos de receptividade ao outro: esta percepção é uma arte que poucos seres humanos dominam definitivamente e supõe capacidade de *empatia* excepcional. A proximidade psicológica e a capacidade de ler e compreender mensagens emitidas com a ajuda de um código não verbal são interdependentes.

A distância psicológica se descreve como sendo um fenômeno intra-grupo pelo qual o outro é percebido como incompatível e por isso é mantido à distância e a comunicação com ele é impossível de ser estabelecida.

A proximidade psicológica e a criação de uma zona de confiança entre todos e a consequente diminuição das defesas naturais de

cada um são fatores que caminham par a par na dinâmica grupal.

III - RELAÇÕES IGUALITÁRIAS E RELAÇÕES HIERARQUIZADAS

No interior dos grupos costuma aparecer dois tipos de redes de comunicação que podem definir-se como *horizontais e verticais*.

Redes horizontais de comunicação:

As relações horizontais só podem existir em um tipo de grupo onde cada indivíduo se perceba como membro participante, com estatuto de *perfeita igualdade em relação* aos outros membros. Igualdade que não significa perda da identidade e da diversidade de carismas e graus de informação, mas, igualdade no direito a opinar, objetar, respeitar e ser respeitado.

Grupos democráticos: A comunicação horizontal mais perfeita somente funciona em grupos e estruturas de trabalho que realmente sejam *democráticos*. Para o coordenador democrático, exercer a autoridade significa estar constantemente preocupado em *abrir e manter abertas as comunicações entre todos os membros*. Assim pouco a pouco, todos se tornam acessíveis a todos e a integração dos membros pode realizar-se sobre uma base de *complementaridade* e não de *subordinação*.

Um coordenador democrático está atento para que cada membro do grupo tenha uma *possibilidade igual* de defender suas objeções ou suas opiniões, de modo que a discussão ou a execução do trabalho progride dentro da integração das possibilidades de cada um.

Nos grupos "*laissez-faire*", a comunicação também se desenvolve horizontalmente, porém, o coordenador se recusa a assumir seus papéis e suas responsabilidades e as comunicações se estabelecem somente a nível de afinidades ou de atrações entre os membros. Fatalmente alguns dos membros permanecem excluídos ou marginalizados das interações que ocorrem no grupo.

Redes verticais de comunicação:

Quando em um grupo as relações interpessoais são hierarquizadas e as linhas de autoridade são definidas de modo piramidal, a rede de comunicação que se forma é *vertical*. As relações entre os membros do grupo se traduzem em termos de *subordinação e de dominação*. Os respectivos estatutos dos membros se estabelecem em termos de funções, privilégios, direitos, prestígio, quem tem autoridade sobre quem, em que e porque.

As comunicações, antes espontâneas, agora permanecem fechadas e artificiais, com a tomada de consciência de alguns membros de que um entre eles se esforça para ter o controle do grupo,

buscando para si o poder absoluto, ou quase absoluto.

Grupos autocráticos: A rede vertical de comunicação é específica de **grupos autocráticos** no interior dos quais a autoridade está concentrada nas mãos de uma só pessoa que a exerce de modo arbitrário e segundo sua vontade.

Como se reconhecem nos grupos as pessoas que têm elevado grau de AUTORITARISMO ?

O indivíduo autoritário não pode tolerar que os outros sejam diferentes dele. Toda diferença no outro - diferença de idade, de sexo, de cultura ou de religião - o perturba e o inquieta. Os teóricos dão a esta intolerância a seguinte explicação: uma pessoa autoritária é conformista e não alcançou o nível de altruísmo. Seu conformismo não é expressão de respeito ao outro, como o é em um adulto social, e trai seu medo ao outro e seu pânico a respeito dos mais fortes. O autoritário se conforma com as pressões sociais e quando está em grupo favorece a cristalização, a petrificação, a esclerose das estruturas sociais.

O autoritário é um ser em quem o instinto de simpatia não triunfa sobre os instintos de defesa. Seu medo ao outro no fundo é um medo de si mesmo. Para camuflar sua impotência e sua esterilidade, se torna agressivo, arrogante, intratável com o outro.

Todos somos mais ou menos autoritários e necessitamos libertar-nos da falsa obsessão de que somente os que se parecem conosco nos são próximos e que, para que sejam fraternais conosco, os outros devem ser semelhantes ou idênticos a nós. Este é o primeiro passo a dar na aprendizagem da autenticidade.

Aquele que aceite o que seja *diferente*, simplesmente como "diferente", sem classificá-lo em termos de "bom ou "mau", "falso ou verdadeiro", "santo ou pecador", se sentirá livre para respeitar o outro, e será capaz de abster-se de juízos precipitados, ou de qualquer defesa pessoal. Somente assim estará criando o ambiente necessário para

que todos se sintam em condições de igualdade ao participar do processo grupal. E isto não se aplica somente ao coordenador senão a qualquer outro membro do grupo.

*Terapeuta de Família e de Casal.
Mestre em Psicologia.
Membro do MFC de Porto Alegre e
da equipe de formação do SPLA.

CONSULTAS:

MAILHOT, GERARD BERNARD. *A dinâmica dos grupos*. S.Paulo, Duas Cidades , 1991.
SCHUTTER, ANTON. *Investigación Participativa*, México, 1983.

HITA, MAGDA. MFC de Salvador, Bahia, Brasil - *La importancia de la pregunta en la dinâmica grupal*.



Dicas para Internautas

- 1) Grandes empresas NÃO usam correspondência do tipo corrente. A Microsoft e a AOL NÃO estão oferecendo US\$ 245 a cada repasse de e-mail (qualquer um sabe que é muito dinheiro), e a Ericsson NÃO está oferecendo celulares de graça.
- 2) A MTV NÃO lhe dará o direito de ficar nos bastidores se você remeter correspondência a um monte de gente.
- 3) NÃO é porque alguém escreveu, quatro degraus anteriores da pirâmide, "nós checamos e isto é verdadeiro", que é verdade (observe, é + 1 mera mentira).
- 4) NÃO existe uma organização de ladrões de fígado. Ninguém está acordando numa banheira cheia de gelo, mesmo se um amigo jurar que isto aconteceu ao primo do amigo dele.
- 5) Se o(s) último(s) desastre(s) envolvendo foguetes da NASA espalharam partículas de plutônio sobre a Costa Leste americana, você acha realmente que esta informação chegaria ao público por mail? E com a raridade de informações?
- 6) NÃO existem os vírus "Good Times", "Bad Times", "Sapinhos Budweiser" etc. Na verdade, você NUNCA, mas NUNCA mesmo, deve reenviar qualquer mail alertando sobre vírus antes de primeiro confirmar se um site confiável de uma companhia real o tenha identificado. Tente em: www.symantec.com/avcenter/vinfodb.html E mesmo assim, pense duas vezes antes de passar adiante. Lembre-se alguns vírus podem infectar a máquina só de serem lidos no Outlook. É mais um terrível terrorismo on-line.
- 7) Se você estiver realmente pensando em passar adiante aquela mensagem que já está no décimo degrau da pirâmide (ou na décima geração), tenha pelo menos a decência de cortar aqueles quilômetros de cabeçalhos de todo mundo que a recebeu nos últimos 6 meses. E você também NÃO vai ficar doente se retirar todos os que começam as linhas. Além disso, seu amigo provavelmente já a recebeu.
- 8) Existem mulheres que estão realmente sofrendo no Afeganistão, e as finanças de diversas empresas filantrópicas estão vulneráveis, mas reenviar um mail NÃO ajudará esta causa. Se você quiser ajudar, procure seu deputado, a Anistia Internacional ou a Cruz Vermelha. Mails de "abaixo-assinado" geralmente são falsos, e nada significam para quem detém o poder para fazer alguma coisa sobre o que está sendo denunciado. São meios de obterem endereços eletrônicos.
- 9) NÃO existe nenhum projeto para ser votado no Congresso que reduzirá a área da Floresta Amazônica em 50%; e nem para deixar de cobrar pedágio; portanto NÃO perca tempo nem "pague mico" assinando e repassando aqueles furiosos abaixo-assinados de protesto, ou comunicando este tipo de coisa.
- 10) Você NÃO vai morrer nem ter azar no amor se arrebentar uma corrente. Isto não é questão religiosa...
- 11) Escrever um mail ou enviar qualquer coisa pela Internet é tão fácil quanto rabiscar os muros de uma área pública.

NÃO acredite automaticamente em tudo. Observe o texto, reflita, analise, tudo isto antes de repassar aos amigos.

12) Quando recebemos mensagens pedindo ajuda para alguém, com alguma foto comovente, não repasse apenas "pra fazer a sua parte", pode haver alguém cheio de má intenção, por trás deste e-mail. Analise-o, se houver dados do enfermo/aleijado, consulte o telefone, verifique a veracidade de informações. Se o telefone for um celular, mesmo depois de confirmar dados, não creia... Afinal, próximo de sua casa, há sempre alguém carente que você poderá ajudar, se esta for sua opção de vida, tão digna, porém explorada por mal intencionados.

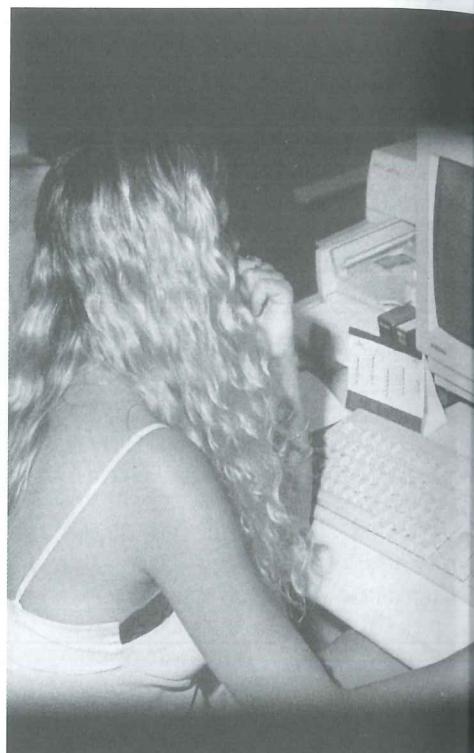
13) Cuidado! Muito cuidado com mensagens-lista de dados de pessoas, que cada um vai assinando, colocando seus endereços e telefones reais, repassando... Podem facilmente serem utilizados por assaltantes, seqüestradores, etc.

14) Agora, SIM, passe esses conselhos a seus amigos e conhecidos, e ajude a colocar ORDEM nessa imensa casa chamada Internet. Lembre-se que a cada dia chegam-se milhares de inexperientes na Internet, e quanto mais pudermos ensinar, será de grande valia a todos. Sempre repasse ao máximo de pessoas possível este tipo de informações, afinal estes detalhes não se aprendem em escolas, mas aqui, através de boa vontade uns dos outros em ensinar.

15) Seja educado e responda a todos. Utilize-se sempre de endereçamento no campo CCO (Com cópia oculta) quando enviar a mais de uma pessoa. E nunca se melindre por alguém estar lhe corrigindo algum destes erros aqui mencionado, você

apenas é mais uma vítima "cheia de boas intenções" e nem preciso repetir aquele provérbio... De boas intenções o inferno está cheio.

16) Importante: quando reenviarem mensagens, retirem os nomes e e-mails das pessoas por onde os e-mails já passaram: tem programas rodando na Internet para "pegar" tudo que tiver antes e depois de um "@". Isso é vendido para spammers, que muitas vezes espalham vírus. Quando for mandar uma mensagem para mais de uma pessoa, não envie com o "Para" nem com o "Cc". Envie com o "Cco" (carbon copy oculto), que não vai aparecer o endereço eletrônico de nenhum destinatário...



"Quando começou a comprar almas, o diabo inventou a sociedade de consumo." (Millôr Fernandes)

MFC: Família & Mundo

Quando nasceu, o MFC adotou o lema: **"Uma família feliz para um mundo melhor"**.

Ao longo do tempo, percebeu que o mundo não pode esperar que as famílias sejam felizes para melhorar o quadro de injustiça que o afasta quilometricamente do projeto de Deus.

Então o MFC foi deslocando seu foco e assumindo uma nova proposta: **"Um mundo melhor onde todas as famílias possam se realizar mais plenamente"**. De fato, um mundo desordenado impede que a maioria absoluta das famílias sejam felizes e cumpram a sua missão.

Parece-nos que há um risco nesse deslocamento de polos, como se fossem opostos. De certa forma, talvez se tenham criado no MFC tendências rotuladas de "familistas", de um lado, e "sociopolíticas", do outro, às vezes bastante críticas cada uma em relação à outra.

Essas polarizações também costumam ocorrer entre tipos diferentes de metodologias e práticas pedagógicas ou entre projetos políticos às vezes antagônicos em que se empenham os cristãos.

O tempo passa e o bom senso

vai-se afirmando. A aparente tensão entre dois polos revela um movimento pendular que pode ter levado a algumas radicalizações nem sempre razoáveis. Os pêndulos, por efeito da resistência do ar e do atrito no seu suporte, acabam reduzindo, aos poucos, o afastamento entre as posições opostas que alcançavam no início do seu movimento. Certo dia ele pára e aponta para o equilíbrio, somente alcançado após o necessário confronto dialético, às vezes apaixonado, entre os dois extremos.

Hoje percebemos que é preciso mudar o mundo e, ao mesmo tempo, apoiar as famílias para removerem os obstáculos à sua realização e bem-estar afetivo, bio-psíquico e espiritual. Como a fome, esses problemas que a oprimem têm pressa e não podem esperar.

Ao mesmo tempo, a raiz de muitos dos seus problemas costuma estar no modelo de sociedade desigual, consumista, predatória, individualista e alienadora em que está mergulhada. Se "apenas" tentarmos ajudar as famílias em sua busca de paz, alegria e equilíbrio em suas relações internas, no campo da afetividade, da comunicação inter-pessoal e recuperação de valores familiares



esgarçados, ignorando as influências externas e condicionamentos socio-culturais e econômicos que se exercem sobre elas, podemos chegar à frustração dos resultados parciais e efêmeros. No outro extremo, se desprezarmos esse apoio às famílias, somente preocupados em mudar o mundo, como se somente após essa mudança os seus problemas internos pudessem ser superados, a frustração seria diferente mas de mesmo tamanho.

O MFC deve incentivar seus membros à inserção transformadora e urgente nas estruturas da sociedade, iluminados pela fé que mostra o modelo de mundo que Deus quer e promete como Seu Reino, aqui "na terra, como no céu".

- Como é vivenciado o MFC na nossa cidade? Como atua? O que faz?
- Tem sido possível a articulação entre o apoio às famílias e a ação transformadora da sociedade?
- Há planos para uma ação mais efetiva para que se tornem visíveis os sinais do Reino de Deus?

Ao mesmo tempo, dedicar-se com forte espírito de doação ao trabalho com as famílias concretas, para atender às suas carências e necessidades, sem discriminações de qualquer natureza.

Cada um, segundo o seu carisma, estará militando, ora no sindicato ou partido político, nos movimentos populares e campanhas de rua, ora promovendo os encontros conjugais e familiares, a preparação ao casamento, o aconselhamento de jovens e casais, os institutos familiares, e tantas outras atividades desse campo, próprias de sua vocação.

Descobrir essa complementaridade na diversidade de práticas é encontrar a riqueza maior do MFC.

MFC

MOVIMENTO FAMILIAR CRISTÃO

Tome nota - novos endereços:

EDITORIA & PUBLICAÇÕES

☞ Assinaturas e Expedição de Fato e Razão - Atendimento aos assinantes, assinaturas novas e renovações, números anteriores:

Distribuidora Fato e Razão

Lucia Helena Alcoforado e Inez Soares
R. Visconde do Rio Branco, 633 sala 1002
24020-005 Niterói - RJ

Tel/Fax (21) 2717-4878 - E-mail: texere@uol.com.br

☞ Instalação de Postos de Vendas de Publicações do MFC nas Cidades - Atendimento a Revendedores

Agência MFC de Promoção de Vendas

Sede MFC - Rua Goiás, 132
20756 - 120 Rio de Janeiro - RJ
Tel. (21) 2215-1401 - Fax 2224-2693 E-mail: amorim@ibpinet.com.br

☞ Colaborações, críticas e sugestões:
Equipe de Redação de Fato e Razão

Helio e Selma Amorim
R. Des. Saul Gusmão 80 - VIII
22641-280 Rio de Janeiro - RJ

Tel. (21) 2224-2693 - E-mail: amorim@ibpinet.com.br

☞ Venda de Livros, Revistas e Temários do MFC, pedidos e encomendas para remessa postal

Livraria do MFC

Sede MFC - Rua Goiás, 132
20756-120 Rio de Janeiro - RJ
Tel. (21) 2215-1401 - Fax 2224-2693 - E-mail: amorim@ibpinet.com.br